



# Blumenau *em Cadernos*

TOMO IX ★ - NOV./DEZEMBRO DE 1968 ★ - N.º. 11/12



A LOJA MAIS FEMININA  
DA CIDADE DE BLUMENAU

TECIDOS E CONFECÇÕES DESDE 1891

BLUMENAU — Rua 15 de Novembro, 701 — S. C.

PERFUMARIAS — MEDICAMENTOS

**PROCURE**

S U A F A R M A

**A MAIS TRADICIONAL**



**LAQUÊ BLUMEN**

O fixador perfeito para o seu cabelo

# Blumenau

## *em Cadernos*

T O M O I X ★ - NOV./DEZEMBRO DE 1968 ★ - N.º. 11/12

## Blumenau e a Revolução de 1893

José Deeke

O presente trabalho é tradução do capítulo "DIE REVOLUTIONSJAHRE", da obra de José Deeke "DAS MUNIZIP BLUMENAU UND SEINE ENTWICKELUNGSGESCHICHTE" feita por J. Ferreira da Silva. Como se trata de obra de grande interesse para a história de Blumenau, resolvemos publicá-la de uma só vez, num "Caderno de 40 páginas, correspondendo a duas edições.

Enquanto Blumenau se conservava fiel à divisa republicana "Ordem e Progresso", enfrentando seguramente o futuro, as coisas, no Rio, começaram a ficar pretas. O Marechal Deodoro da Fonseca fôra o homem que substituíra o regime imperial pela «Liberdade, igualdade e fraternidade», mas era cabeçudo e vaidoso quão leal e valente. Não pôde, por isso, ir além de um ano com o seu ministério. Indiferentemente deixou que se fôsem os velhos companheiros dos primeiros dias da república, como Quintino Bocaiuva, Ruy Barbosa, Wandenkolk, Campos Salles, Ribeiro e Aristides Lobo - Benjamin Constant já havia falecido - e constituiu um novo ministério com gente monarquista

Quando o primeiro Congresso Nacional procedeu à eleição para o primeiro presidente da república, Deodoro contava, certamente, com a sua eleição por unanimidade e, por isso irritou-se com o resultado a que se chegou que foi de 128 votos a seu favor, dos 218 votantes, tendo o paulista Prudente de Moraes recebido 90. Floriano obteve, para vice-presidente 153 votos. Tomou-se, assim, de birra contra o Congresso, onde o número de seus adversários também crescia diariamente.

Além disso, vinham á flor dos acontecimentos outros elementos contrários, que começaram o seu trabalho de sapa. Havia, por exemplo, o contra-almirante Custódio José de Melo, respeitado pela sua honorabilidade, o qual, durante a proclamação da república se encontrava, com o príncipe Dom Augusto, numa viagem ao redor do mundo e que, agora no seu regresso encabeçava, na marinha, a oposição contra Deodoro e puzeram-se em

ligação com os parlamentares oposicionistas.

A oposição contra Deodoro crescia de dia a dia e êle, que a si próprio attribuía atuação decisiva no golpe de 15 de novembro, lamentava agora ter permitido que se dêsse ao país uma constituição tão liberal. Resolveu, por conseguinte, instigado por partidários exaltados, dissolver o Congresso e promulgar uma nova constituição. Como isso se resolveria, nunca se soube, mas das intenções do generalíssimo - havia-se concedido êsse título a Deodoro - deduzia-se que êle queria a dilatação dos poderes presidenciais e o cerceamento do Congresso. Projetava-se, também, durante a inexistência do Congresso, imobilizar personalidades que viviam incomodando. Não se sabe porque Deodoro demorou tanto em consumir o atentado à constituição, pois no congresso já se sabia, com a antecedência de dias, que a coisa se realizaria. Teve-se, assim, tempo, de tomar medidas em contrário,

Assim, a 3 de novembro foi publicado o decreto, digo: Assim quando a 3 de novembro foi publicado o decreto de dissolução da Assembleia, os seus membros já estavam preparados para o revide. Obedeceram, naturalmente, ao imperativo da fôrça, mas protestaram violentamente e apelaram para o povo; para o exército e a marinha para virem em seu auxílio. As complicações e alterações da ordem não tardaram a aparecer. Os navios de guerra surtos no porto fizeram claro que estavam contra Deodoro. Pensava-se que Deodoro reagiria enérgicamente, não deixando as cousas se passarem em brancas nuvens: O generalíssimo, entretanto, vendo que as coisas, desta vez, não correriam tão fáceis como a 15 de novembro de 1889, procedeu de modo mais acertado que dele se poderia esperar: resignou ao cargo, com menos de 14 dias de ditadura, a 23 de novembro de 1891 e o seu substituto legal, o vice-presidente Marechal Floriano Peixoto assumiu o govêrno, com a declaração expressa de que nele se manteria, apenas, até a eleição de um novo presidente, de acôrdo com as determinações da constituição,

Nos Estados, a princípio, pouco se sentiu do movimento. Quando chegou a notícia da dissolução do congresso, ela foi recebida com relativa calma. E também não houve grande reação quando se soube da renúncia de Deodoro e da consequente posse de Floriano. Naturalmente houve exceções, pois os partidários contrários a Deodoro eram numerosos em diversos lugares, tendo em mira a atuação do almirante Melo. Por isso, ao mesmo tempo em vários Estados começou a desordem com a renúncia dos respectivos governadores.

Logo que no Rio a legalidade foi restabelecida, diversos representantes no Congresso Nacional solicitaram que a ordem fôsse restabelecida imediatamente, também, nos Estados convulsionados. Isso, porém, não estava no gosto do novo ministério, que era orientado pelo almirante Custódio José de Melo, como ministro da marinha e pelo general Simeão, como ministro da guerra, ambos acirrados inimigos de todos as "deodoristas". Eles não só deixaram os presidentes revolucionários à frente dos Estados, onde haviam se dado as anormalidades, como resolveram depor todos os demais governos dos Estados. Co-no isso não fôsse mais possível pelos meios ordinários, procurou-se conseguí-lo por vias travessas.

A solução pelas armas foi a indicada pela gente da oposição - e destas sempre as há em maior ou menor número - e, de repente, um grande número de manifestantes apresentou-se diante do palácio do govêrno pedindo

a renúncia dêste. Foi o momento azado para se começar o movimento armado. Telegrafou-se ao Rio, que teria rebentado uma revolução e vinha, então, ordem do Rio para que o comandante militar assumisse provisoriamente o governo do Estado, até que a ordem se estabelecesse. Seriam, então, desmontado todo o sistema em vigor e reorganizado de forma que as coisas se ajustassem para que todo o aparelho administrativo fôsse parar às mãos da oposição. Por essa forma, servindo o Pará de modelo, as coisas foram ajeitadas em todos os Estados. Onde o "povo" era senhor da situação, o exército mantinha-se neutro. Onde tal não fôsse o caso, a ação armada resolveria as coisas.

Em Santa Catarina houve, de começo, oposição muito fraca, e, embora nos diversos municípios existissem grupos partidários que não comun-gavam com as ideias de Lauro Muller, longe estavam de pensar numa deposição, pelas armas, do governador do Estado. E o próprio Lauro Mueller, que a 1.º de julho do mesmo ano fôra eleito, pelo Congresso, governador do Estado, jamais pensara que isso pudesse acontecer, nem que, de alguma parte, pudesse vir perigo ao seu governo.

Foi, por isso, com grande surpresa que, nos primeiros dias de dezembro, quando dava um passeio com alguns amigos, foi atacado por um grupo de homens, mais ou menos armados, no intuito evidente de assassiná-lo. Retirou-se apressadamente, com os seus companheiros para o palácio, onde passou a tomar as medidas de precaução que a situação estava exigindo. O grupo de exaltados fez ainda algumas desordens, mas, mal sucedido em outras tentativas, retirou-se. Ao se espalhar a notícia do insucesso do atentado, todas as autoridades acorreram ao palácio para felicitar Lauro Mueller e oferecer-lhe os seus préstimos. Estavam também presentes as autoridades militares federais, do exército e da marinha, oferecendo a sua proteção, que Lauro Mueller recusou, acreditando não estarem estremecidos os alicerces do seu governo. Ademais êle devia estar desconfiado do que poderia acontecer se aceitasse aquela proteção. Mas os reacionários não ficaram satisfeitos que as coisas ficassem nesse pé. Reuniram gêneros alimentícios e bebidas no continente e conclamaram o "povo" para deporem o governador. Principalmente em São José, o Padre Cruz pôsse na dianteira e mandou ao chefe do movimento, na capital, um certo Severo, um grande número de voluntários, os quais, acampados no mercado, insistiam, exigiam, cada vez com mais energia, a renúncia do governador. Mas também crescia a defesa do palácio, onde foi formado, também o batalhão de voluntários "Lauro Mueller". Além disso, o governador telegrafou aos seus amigos nos municípios, pedindo-lhes solidariedade em virtude do que, da próxima Tijucas, seguiu um grupo de homens para Destêrro, onde chegaram a 27 de dezembro para se incorporarem no batalhão de voluntários.

Em Blumenau formou-se, igualmente, uma tropa armada que, a 27 de dezembro e número aproximado de 120 homens, seguiu pelos vapores "Progresso" e "Jan" para Itajaí. Depois reuniram-se mais outros cem homens. Mudou-se, entretanto, nos dias seguintes a situação, de sorte que a sua remessa não foi mais aconselhável. O primeiro grupo, entretanto, chegou a itajaí na manhã de 28 de dezembro de 1891, embarcando-se num veleiro da firma Asseburg, que se encontrava carregado de madeira e da qual, os comerciantes que se encontravam entre os expedicionários, não haviam ainda pago os respectivos direitos, e que foi ligado à reboque do rebocador

"Jan", cujo comando foi entregue ao capitão Stein e começou o comboio de guerra a sua viagem a Pôrto Belo. Quando a viagem começou, os blumenauenses estavam completamente excitados, pois, na noite anterior haviam bebido e farreado à vontade. Uma cantoria sem ordem e sem fim explodiu sôbre as vagas; mas não era um canto de guerra que os blumenauenses cantavam e, sim, eram os acordes da inocente canção "Die schoenen Bertha". Era de se admirar como o demorado ritmo da monótona canção, com as suas doze palavras se mantinha firme, pois, quando uma parte ia deixando morrer os últimos acordes de um verso, a outra, de outro canto do navio, recomecava nova estrofe, com devota resignação: Denn du hast ja - die schoene Berta - so in das Unglueck gebra-a-a-acht", etc.

O vento sul juntava os seus assobios às cantorias e as ondas se encrespavam cada vez mais. Depois veio o que tinha que vir: O canto ia ficando cada vez mais fraco, até que morreu por completo. E depois, todos os "guerreiros" pagaram o seu tributo ao mar e, em vez dos sons da "Schenen Bertha", ouviam-se outros acordes que soavam como "ach" e ais!

De quando em quando o "Jan" dava voltas, para, como se dizia, melhorar os defeitos das máquinas e da caldeira e quando se estava, mais ou menos, na metade do caminho para Destêrro, cortou o reboeador o cabo e virou a bordo, depois de fazer sinal ao veleiro-reboque que também voltasse para Pôrto Belo. Isso, porém, não era tarefa fácil porque o vento sul aumentava e se tornara um verdadeiro furacão e impelia o navio com tôda força para os perigosos recifes da costa, onde as ondas se quebravam, elevando-se a grandes alturas. O grande cabo de reboque, que os marinheiros com esforço sobrehumano procuravam enrolar, dificultava a manutenção do navio na rota certa e os voluntários blumenauenses passaram algum tempo por uma situação bem crítica. Com o tempo, porém, conseguiu-se trazer o cabo para bordô e a marcha tornou-se mais ligeira e, em pouco tempo chegou-se às águas de Pôrto Belo e, depois de mais algum tempo de viagem tranqüila no próprio pôrto, onde o «Jan» ancorou sem maiores percalços.

Todos estavam novamente satisfeitos e alegres, e como consequência da forçada limpeza dos estômagos, sentiam fome devoradora. Sôbre Tábuas sobrepostas a umas faixas foram espalhadas frituras de toda sorte, que os chefes tinham mandado preparar. Num abrir e fechar de olhos tudo tinha sido devorado. E tudo fora como uma gota d'água em cima de uma pedra quente, pelo que decidiu-se ir até à terra e lá procurar algo mais nutritivo, especialmente porque, em virtude de um defeito na caldeira do «Jan», segundo se dizia, o prosseguimento da viagem que por aquele motivo fora interrompida, só se daria à tarde, algumas horas depois.

Em pouco tempo, dividiram-se em grupos e desceram a terra, ali se separando. As armas foram deixadas a bordo.

O chefes - havia-os diversos, a cabeça pesante de tudo era, principalmente, Hercílio Luz, embora o comando direto coubesse ao veterano do Paraguai, capitão Von Seckendorff, sob a chefia "soi dir" do "tenente coronel" Francisco da Cunha Silveira - haviam descido primeiro à terra e tinham enviado mensageiros a Tijucas levando telegramas.

Há pouco havia regressado um mensageiro e trouxera aos blumenauenses a terrível notícia: "Os inimigos vos esperam em mar alto e querem afundar a vosso navio",

Irrompeu, então, grande pânico, O corneteiro - pois também um dêsses havia na tropa, na pessoa do mestre de banda Carlos Lingner, - deu o sinal de reunir aos que se achavam na praia, a fim de que fossem buscar as suas armas a bordo. A final, conseguiu-se meter alguma ordem na confusão formada: em cada escaler, ou bote, iriam somente dois homens até a bordo do "Jan" buscar as armas.

Parece que fôra mesmo a tempo tomada a providência, pois mal as armas haviam sido distribuídas quando ouviram-se os gritos de "esquadrões inimigos à vista"! Realmente, naquele instante foram vistas, da parte do norte, as velas enfunadas de alguns navios.

É difícil descrever o que aconteceu em seguida. Só mesmo tomando parte no acontecimento. Lá está, por exemplo, um jovem, deitado sobre uma pedra. Êle incorporara-se aos expedicionários, porque êle queria, por essa forma, e de maneira barata, chegar ao Destêrro, onde queria se empregar. E agora, ali estava, encostado à pedra. As lágrimas desciam-lhes pelas fâceis e murmurava, com o desespero na alma, um pouco para si mesmo outro para um companheiro próximo: Não nunca mais me meterei nisso! Sobre outra pedra está sentado um homem de meia idade ao qual não faltara até então o ânimo, mas que agora falava alto, a bem dizer para si mesmo, «Final, que é que queremos aqui? E a sua voz se tornava chorosa: Nós, pais de família, que temos em casa mulher e filhos, para que vamos nos expôr deixando-nos matar à toa. Não, isso não é coisa que se faça». E aumentando a voz: «Que os moços se metessem nisso, ainda se compreende. Mas, a nos, deviam deixar-nos fora disso». O pobre homem havia perdido, diante do perigo, todo entusiasmo anterior.

Um senhor de idade, que se engajara mais por orgulho, que por outra coisa, andava nervoso de um lado para o outro e quando viu o rosto grave do seu sobrinho mais novo, gritou-lhe, meio medroso e meio irado: "Joga fara a tua espingarda e corre para Itajaí"!

Também o dr. Hercílio estava muito agitado. Mas com êle não se tratava de medo. Êle ia na retaguarda, com a cabeça cheia de pensamentos, olhando o chão, com passos apressados, daqui para ali e entregou ao capitão Von Seokendorff a organização estratégica, o que êste executou com a competência e segurança e a calma que lhe eram próprias.

Em pouco tempo, ali estava uma coluna de homens, de armas em prontidão, aguardando o momento azado de lançar, sobre os navios que se aproximavam, uma saraijada de balas. Os mais medrosos foram removidos para a retaguarda. Certamente se sentiriam mais corajosos escudados pelos mais valentes.

Nesse meio tempo, os navios foram se aproximando. Eram pequenos barcos de carga, chamados iates, em número de três, que se alinhavam um atrás do outro e que, passando pelo porto, rumaram novamente para o Sul. Não se via viva alma sobre o convés dos barcos e a sua passagem diante do porto foi feita em completa calma e silêncio. Isso tanto do lado de cá como do de lá.

Passado o momento do perigo, todo mundo voltou ao seu bom humor, com até crescente disposição, pois era de se supor que os inimigos que se encontravam nos barcos tivessem ficado com medo de medir forças

com os blumenauenses, pois do contrário não teriam passado tão calados e escondidos, o que já se podia interpretar como uma pequena vitória. Mas o perigo pelo lado do mar, continuou, pelo que o estado-maior resolveu que se passasse a noite em Pôrto Belo e, no dia seguinte, seguisse para o Des-têrro, via Tijucas, Foram postadas sentinelas em todos os cabos e esquinas, enquanto o resto da tropa descansava. Lamentavelmente, porém, os voluntários blumenauenses, que pouco entendiam das coisas do mar, esqueceram-se de levar em conta a próxima maré alta, digo: susto, que pelas águas da maré alta os postos de sentinelas haviam sido separados, isolados completamente uns dos outros, de forma que um sargento, que fazia ronda, ao atravessar uma ponte que as águas haviam deixado isolada, tinha que fazê-lo com água pelo pescoço. A coisa tornara-se tanto mais desagrável quando as guardas tinham que ser substituídas e as primeiras tiveram que ficar em serviço por mais de duas horas. Enquanto as reclamações surgiam e uns queriam atribuir as culpas a outros, de repente soam no ar estridentes toques de cornetas, determinando a reunir. Todos os homens que não estavam separados da tropa pelas águas da maré, apressaram-se em correr para o ponto de concentração. "Então, eles viriam mesmo!", era o que se dizia. "De dia eles não tinham coragem de atacar. Haviam, naturalmente, se postado ao norte da ilha, onde teriam desembarcado, a fim de nos surpreenderem a noite". As sentinelas haviam visto claramente as sombras escuras na praia entre as moitas. Desta vez, porém, as coisas deveriam ser feitas com as cautelas necessárias e a tática aconselhável, por isso o capitão incumbiu alguns homens mais espertos para descobrirem a situação do inimigo, a fim de que toda a tropa não caísse em alguma cilada.

E assim, quando todos estavam com a atenção voltada para o norte, aguardando o sinal para atacar, de repente ouviram-se, do lado do sul, alguns tiros. E depois mais outros. Depois de alguns minutos de pavoroso silêncio, parece que alguém encontrou a solução para os tiros porque gritou: "Os suecos, os pobres suecos, eles estão lá para o sul e foram, certamente atacados pelos inimigos" Os suecos como eram chamados, eram realmente suecos. Imigrados havia pouco, representavam a maioria de uma companhia que fôra posta sob o comando do antigo cadete sueco Gustavo Binger e como todos estivessem bem armados e bem amestrados, contava-se muito com eles. Felizmente a coisa foi logo esclarecida. Eles não haviam sido atacados. Os tiros haviam sido dados, exatamente, para chamá-los de volta ao acampamento. Enquanto isso, regressavam os espias enviados ao norte e comunicavam que naquela parte, o que parecera inimigos, não era mais que uma tropa de vacas que pastavam calmamente entre as moitas da beira da praia. Além disso esclarecera-se que, ao contrário de se tratar de "esquadra inimiga", os navios vistos na véspera eram de gente amiga dos blumenauenses. Os navios haviam sido enviados de Tijucas para prevenir os blumenauenses e, eventualmente, combater ao seu lado. Como, porém, haviam notado os blumenauenses em Pôrto Belo em atitude tão guerreira, acharam aconselhável não ter contato com eles, mesmo porque já estavam em segurança, em terra.

Como, entretanto, toda a tropa já estivesse de sobreaviso e a noite já estivesse pela metade, ficou assentado que se esperaria, apenas, o regresso dos suecos e seguir então, imediatamente, para Tijucas.

Dito e feito. Em pouco tempo, as sombras dos blumenauenses, em longas filas, marchavam pela praia. Isso, primeiramente, foi feito com muito



vagar e cuidado, pois, enquanto certas partes da praia, com a areia firme, permitiam marcha fácil, outras, ainda, invadidas pelas águas da maré, encharcavam os soldados; valos, sôbre os quais troncos finos e roliços de madeira haviam sido postos, à guisa de ponte, tornavam a passagem perigosa, especialmente para os mais velhos. E depois, devia-se estar sempre alerta, pois os navios inimigos poderiam aparecer a qualquer momento. Felizmente, caminho tão cheio de percalços não foi muito comprido; desviou-se, depois, para a terra firme, em direção a Tijucas, onde se chegou pela manhã de 29 de dezembro, recebidos festivamente pela população. Aí teve lugar, finalmente, um almoço em ordem, pois em Pôrto Belo havia se comprado uma boa quantidade de mantimentos, mas grande parte da tropa, que ficara de prontidão, nada havia recebido, enquanto que outros haviam comido, apenas carne-sêca tão salgada e que provocara tal sêde que, agora, caíram, desesperadamente sôbre as bebidas.

Enquanto o açougueiro abatia e dividia uma rez gorda e o padeiro esquentava o forno e preparava a massa para satisfazer os cento e vinte esfomeados blumenauenses, êstes espalhavam-se pela comprida rua da vila para se proverem de fumo e fósforos uns, e outros para tomarem alguma cousa, como café, etc. para prepararem o estômago para a próxima refeição. Nisso os "chefes" voltaram pressurosos do telégrafo e pelas suas alegres feições podia-se deduzir de que traziam boas notícias. O sinal de reunir fêz-se ouvir. Quando todos haviam chegado, puzeram-se os chefes à frente e Pedro Cristiano Feddersen fêz um curto discurso, no qual êle disse, mais ou menos, o seguinte: "Os blumenauenses não haviam, nem sequer, visto os inimigos de frente e, no entanto, a vitória já estava à vista pois que os revoltosos, à simples notícia da aproximação dos alemães haviam perdido a coragem e tinham desistido das suas pretensões". Para comemorar a vitória, seria dada uma salva de tiros e o comandante tomou, para isso as necessárias providências. Quando tudo estava pronto, aguardando-se a voz de comando de "fogo", soou novamente a voz de Feddersen, gritando: "Não atirem, não atirem! Chegou outra notícia!". O comandante deu as necessárias vozes de comando até a "descansar armas", mas entretanto surgiu um incidente que chegou às raias do cômico. Um voluntário, cuja profissão civil era sapateiro, para apagar a grande sêde que o devorava bebera água demais - misturada com cachaça - e, por isso o seu entusiasmo subira acima do normal. Pôs a sua espingarda em posição e exclamou: "Apesar de tudo, eu dou a minha salva!" e apertou o gatilho da sua "pica-pau" carregado com carga dupla. Ouviu-se, apenas, o estalido da espoleta. A espingarda engasgara. Isso irritou o sapateiro que gritava: "Espera, cachorro, que eu hei de te pôr para fora!" e começou a pôr uma nova espoleta. Procurou-se fazê-lo desistir do intento, mas só quando a segunda espoleta estalou é que foi possível fírar-lhe a arma das mãos e alguns pulsos fortes conseguiram sugar-lhe.

Soube-se, então, porque é que a salva não havia sido dada. Lauro Mueller, depois da primeira notícia da vitória, de repente telegrafara: "Voltem! Não quero derramamento de sangue e, por isso renunciei". Não se pode saber o que realmente acontecera e a maioria da tropa só foi esclarecida por ocasião do seu regresso a Blumenau, pelos jornais. Contudo, resolveu-se, em face do novo despacho, empreender a marcha de volta.

Às tantas -- a carroça da carne já havia chegado e o pão fresco estava para vir a cada momento -- quando surgiu uma nova notícia. O navio costeiro "Lomba", armado de canhões, estaria diante da barra do Tijucas e poderia começar o bombardeio a cada momento. Uma parte da tropa foi nova-

mente tomada de verdadeiro pânico. Principalmente isso se deu com uma parte de homens idosos, os quais, antes, jamais haviam perdido a coragem, mas que, nesta ocasião, falhavam completamente. Não queriam ficar ali nem mais um momento, nem mesmo para comer antes da partida; quem quizesse comer alguma coisa, que pendurasse um pedaço de carne no cinturão para levá-lo, pois ficar ali equivaleria a um suicídio. Estava-se disposto a lutar com um inimigo dez vezes superior, mas que estivesse à vista; lidar, porém, com um inimigo que não se via e ser alcançado por uma granada, era mais que estupidez. Erá o que pensava a maioria em consequência do que se pôs em movimento rio acima o grosso da tropa. Nem todos os homens estavam tão temerosos, de sorte que um grupo ficou para aproveitar o café que havia sido encomendado e só se pôs em movimento quando os condutores das carroças da carne e do pão, sacudindo as cabeças, seguiram na direção em que ia o grosso da tropa. Então, um bom pedaço rio acima, foi feito alto e começou o rancho.

A marcha continuou pela margem do Tijucas acima, pela colina Nova Trento, até que se chegou a Brusque a 30 de dezembro à tarde. No dia seguinte, foi empreendida a viagem para Blumenau, em carroças, vindas na sua maioria dessa colônia. Só aí se teve conhecimento exato da razão de todo o movimento. O povo estava com a situação quando a grande resistência reunida no palácio ouviu as novas sobre a marcha dos Blumenauenses e as pessoas foram mandadas para casa. O chefe do movimento, um certo Severo tentou o suicídio de sorte que todo o plano pareceu falhado. Aí, porém, os oficiais do 25º Batalhão, destacados em Destêrro, entraram em cena e intimaram Lauro Mueller a resignar ao govêrno. Este não teve outro remédio senão atendê-los. Os chefes blumenauenses, dr. Cunha e Paula Ramos não concordavam com esse estado de coisas. E apesar de continuarem os dois solidários com Lauro Mueller, criticavam-lhe em segredo a atitude. Eles eram de opinião que Lauro Mueller deveria ter resistido, conservando-se no cargo a qualquer custo. E, mesmo que no momento a luta se tornasse mais grave, êle teria, assim, evitado ao Estado os longos meses de revolução. Ambas as opiniões tem as suas justificativas, mas certamente as dúvidas não poderiam ser esclarecidas enquanto não se soubesse a atitude que tomaria o govêrno central e as suas forças armadas.

E como as coisas em Destêrro não pudessem ser alteradas mais, a maior parte dos municípios resolveu que, ao menos dentro das respectivas fronteiras fôsse sustentada e mantida a legalidade. Blumenau, Brusque e Tijucas convocaram a população para a organizações de batalhões de voluntários, para, assim, enfrentarem a Junta Governamental, usurpadora, em Destêrro. E de fato, assim sucedeu. Quando a Junta Governamental, em janeiro, mandou forças policiais para Tijucas, a fim de ali restabelecer a autoridade necessária, foram as mesmas dali espulsas pela população e em Brusque, onde a Junta fizera a mesma tentativa, a polícia também foi tocada com o auxílio de alguns blumenauenses resolutos. Depois que tudo isso foi resolvido com sucesso, voltaram, em Blumenau, à cogitação os planos guerreiros. Principalmente Itajaí que jogara-se muito apressadamente nos braços do novo govêrno, criando assim, uma situação hostil contra Blumenau, foi dos primeiros a se manifestar. A atitude de Itajaí foi tida como das mais ingratas, pois era o berço natal de Lauro Mueller e muito se havia aproveitado do seu govêrno do qual muito ainda teria que esperar. Como

sempre. "nemo propheta in pátria".

No entretanto, o govêrno federal mandou a Santa Catarina o general Moura para auscultar a opinião pública e sondar a situação. Êste, porém, mostrava-se públicamente favorável aos revolucionários. Blumenau, Brusque e Tijucas, onde êle encontraria, certamente uma outra situação êle não visitou. E depois de curta permanência, regressou ao Rio para relatar ao govêrno federal o que vira, êste declarou a revolução por legal e resolveu intervir. Em vista disso a Junta governativa trabalhou sem descanso. A Assembleia estadual fôra dissolvida as eleições para as câmaras anuíadas e foram nomeadas novas intendências.

O Superior Tribunal não reconheceu autoridade à Junta e deu disso conhecimento a todos os funcionários e autoridades. A Junta estava com a fôrça do seu lado e os municípios, em sua maioria haviam entrado na nova ordem. Até em Blumenau começou o amolecimento. É verdade que se tinha por ignorados os decretos da Junta Governativa, mas, ao menos, deu-se por findo, ou suspenso, o movimento armado e os planos de guerra. Como se tivesse conhecimento de que o govêrno federal mandaria um emissário, ou interventor para presidir a nova ordem de coisas, os legalistas blumenauenses resolveram por-se em contacto com estes e como se soubesse também, que o navio, em que viajaria o emissário, deveria tocar o porto de Itajaí, cerca de 20 pessoas, viajando, no rebocador «Jan», encontraram-se no dia apazado, naquele porto, para cumprimentarem o emissário do presidente e, eventualmente, entenderem-se com êle. Fizeram-se, porém, as contas, sem o conhecimento dos itajaenses. Estes haviam postado no pôrto os policiais que os blumenauenses haviam expulso para Brusque, armados, e que impediram o desembarque da tripulação. Além disso, um grande grupo de populares vaiava os blumenauenses e apedrejava o "Jan". Até um velho canhão foi arranjado contra os adiados blumenauenses. Segundo se soube depois, êsse canhão fôra cerregado de pregos velhos até a bôca. Em face das agressivas medidas dos itajaenses, viram se os blumenauenses, que desta vez vinham em carater amigável e desarmados, a retrocederem à sua vila. Novamente os ânimos se exaltaram em Blumenau quando êsse fato tornou-se conhecido. Tratou-se novamente, de movimentar as armas contra Itajaí até que, finalmente - e pode-se dizer felizmente - também desta vez, o movimento teve que retrair-se, sob a justificativa: "nós não nos defenderemos mais, mas não nos deixaremos vencer fâcilmente; amainaremos, apenas, a nossa fôrça".

Quando se soube em Destêrro da mudança de ânimo em Blumenau, foi designado o recém-nomeado chefe de polícia para procurar uma acomodação, um acôrdo. O homem - que foi recebido em Blumenau pelo cinco homens fortes do partido federalista - teve, segundo parecia, boas perspectivas. Êle mandou chamar o dr. Cunha, o dr. Hercílio Luz, Henrique Clasen e Gustavo Salinger e fez-lhes propostas de conciliação que constavam, principalmente, em que os blumenauenses tudo teriam do novo govêrno se a êle aderissem, ou, em resumo êles não adeririam, apenas, ao govêrno, com a dissolução da intendência e a eleição para a nova câmara. Os blumenauenses, porém, ficaram firmes. O novo govêrno, êles o reconheceriam, mas nada queriam da dissolução da câmara. Assim, o chefe de polícia teve que dizer aos citados senhores que êle lamentava que as coisas não pudessem ter chegado a bom têrmo e que não lhe restava, senão, o emprego da fôrça,

embora tivesse que reconhecer a firmeza dos blumenauenses.

Com o regresso do chefe de polícia à capital, resolveu o tenente Manoel Joaquim Machado - êsse era o nome do emissário do presidente da República, que logo após a sua chegada à capital, recebeu o governo das mãos da junta governativa - mandar a Blumenau o capitão Servílio Gonçalves, com 45 praças de polícia, os quais tomaram conta da casa da câmara entregando a caixa e o arquivo aos novos intendententes nomeados. Sobre todos êsses fatos escrevia o "Blumenauerzeitung" n°. 15, de 9 de abril de 1892.

No sábado passado deveriam tomar posse do governo municipal os novos intendententes nomeados pelo atual governo do Estado. Depois que a câmara legalmente eleita se reuniu, o presidente, sr. Salinger comunicou aos demais membros os pontos principais da conferência realizada como chefe de polícia, tendo o sr. Augusto Mueller se levantado e com base nas constituições federal e do Estado, afirmou violentamente a sua reprovação ao ato do governo que, nada mais era do que uma intromissão indvida nos negócios municipais e que a câmara deveria permanecer no seu posto e só dela se afastasse pela força. Nesse meio tempo chegou um escrito do Dr. Fritz Mueller, presidente da câmara nomeada, na qual êste perguntava à intendência se estava disposta a deixar, por bem, a sua renúncia. Foi, em seguida, por dez votos, contra um que a câmara não se afastaria espontaneamente, enquanto o sr. Reuter esclarecia que votava contra a renunciava ao mandato, afirmando, entretanto, que nem nomeado, nem por eleição pretendia voltar à Câmara. A decisão da câmara foi saudada com grandes aplausos pela enorme multidão que enchia a sala.

Até então os fatos transcorriam pacificamente e acreditava-se que o governo, afinal, respeitaria a vontade do povo, tanto mais que, no seu manifesto, o tenente Machado apelava para a compreensão do povo no sentido de preservar a paz e a tranquilidade. Nisso, porém, negavam-se, pois na segunda-feira à tarde chegaram despachos que diziam que no dia seguinte chegariam 45 soldados de Destêrro, que haviam sido mandados para Blumenau, a fim de empossarem pela força a câmara nomeada e processar os cabeças do movimento contrário.

Embora tivesse sido fácil a Blumenau, que até agora vinha encabeçando todo o movimento contra o governo arbitrário, impedir o desembarque dessa tropa, ficou resolvido tomar uma atitude passiva, apenas. Então, pelo meio dia de quarta-feira, chegou o "Progresso" com os soldados, o comandante foi intimado a não estabelecer contato com a terra, porque encontrava-se a bordo um passageiro, em cuja família, naquele tempo, dois membros haviam sido atacados de febre amarela, que havia irrompido em Itajaí. A intimação foi respondida pelos soldados com estas palavras: "Febre amarela são balas." E assim, todos desembarcaram, contra todas as medidas de prudência e das disposições legais, e seguiram para o quartel.

As linhas acima já estavam escritas e entregues à composição quando tivemos conhecimento de que o sr. Salinger foi intimado pelo Dr. Fritz Mueller para entregar-lhe, na quinta-feira, às dez horas, a administração, numerário e arquivo da câmara.

O Sr. Salinger respondeu-lhe que, tendo a câmara resolvido não voltar atrás da sua decisão, não estava em condições de fazer a entrega,

antes que a câmara novamente se reunisse para apreciar a intimação. Pelas onze e meia apareceram os intendentes, aos quais se associou o sr. Francisco Lungershausen, ecônomo da Sociedade de Atiradores, para completar o número, acompanhados do Chefe de Polícia e alguns oficiais em uniformes coloridos, e tomaram, depois que dois soldados haviam trazido o velho Fricke, posse dos assentos na câmara.

Assistiram o "ato solene", além de dois italianos, uns 12 brasileiros, os quais, seguramente, na sua maioria, e para louvor seu, nunca pagaram imposto à câmara. O sr. Chefe de Polícia fez um discurso de meia hora no qual êle falou muito no direito do povo, nos princípios republicanos, etc. Esperamos que alguns dos intendentes, talvez o sr. Lungershausen, ou o sr. Germer, que acompanharam as palavras do chefe de polícia, com grande atenção, se resolvam a evitar que êsse importante documento passe à posteridade. O discurso do chefe de polícia foi mesmo, para aqueles que ali se achavam sentado à mesa, monarquistas declarados, um bom puxão de orelhas moral. O povo blumenauense, para honra sua, ficou afastado do palco da comédia. Se a sua vontade, manifestada na eleição da câmara por mais de um milhão de votos foi aniquilada por um ato de fôrça, pelo argumento das baionetas, não estaria longe o dia em que o seu direito conspurcado se levantaria como vingador".

Em seguida, o superintendente dr. Cunha foi intimado a comparecer dentro de meia hora, no edificio da Intendência, para entregar à nova intendência os livros, balancetes e dinheiros pois, do contrário seria, pelos "meios administrativos" - segundo se manifestou o delegado de polícia Elesbão Pinto da Luz, preso. Mas o dr. Cunha não atendeu a intimação, assim tiveram os novos "pais do municipio" que aguardar horas e horas até que conseguissem abrir os armários, especialmente o armário do dinheiro. O pior foi que, do cofre, não foi encontrado dinheiro algum, pois o dr. Cunha havia depositado o saldo existente, no montante de 7:000\$000, na Caixa Econômica e dali não era fácil retirá-lo, pois tendo sido o superintendente o depositário êle era o único que estava em condições de retirá-lo e a intendência não tinha ainda nenhum superintendente...

Os soldados permaneceram ainda em Blumenau para evitar algum recuo da intendência. Tudo passou-se bem, pois êles eram, em geral, bons rapazes, que tratavam bem os alemães e só não podiam compreender porque êles se metiam em política. Ouvia-se, frequentemente, da bôca desses guardas da segurança: Vocês, alemães, não devem se meter em política; é melhor que vocês só cuidem de plantar feijão, milho e criar gado.

Enquanto começava em Blumenau a posse violenta do poder com a destituição da Câmara e a ocupação de outros postos pelos adeptos do novo govêrno, no Rio de Janeiro novas nuvens se acumulavam nos horizontes políticos em virtude da attitude do marechal Floriano que, contra expressa determinação da constituição, teimava em continuar no poder, em vez de proceder às novas eleições.

De há muito uma grande parte do partido do govêrno exigiria a volta ao regime legal nos Estados e como nada tivesse dado resultados, veio o assim chamado "Protesto dos 13 generais" muito comentado por todos os legalistas em todo o país. Êsse memorável documento tinha o seguinte teor: "Exmo. sr. Marechal Vice-presidente da República. Os abaixo

assinados, oficiais generais do Exército e da Marinha não querem pelo seu silêncio, partilhar da responsabilidade moral da atual desorganização, em que se encontram os Estados, em seguida à ilegal intervenção das forças armadas para a deposição dos governadores, que teve em consequência a morte de um grande número de cidadãos que deu origem ao temor, a desconfiança e o luto nas famílias, apelam para V. Excia. a fim de que se ponha um termo a êsse estado de coisas . . . Se êsse estado de desorganização permanecer por mais tempo a obra realizada a 15 de novembro de 1889 será transformada na maior da anarquia. E os signatários desta acreditam que somente a eleição do presidente da República, que deve ser feita quantor antes, conforme determina a constituição e a lei eleitoral e que deve ser realizada sem a pressão das forças armadas, poderá restabelecer a confiança o sossego e a ordem ao seio da família brasileira, bem como o bom conceito da república no exterior. Por isso, esperamos que mais esse serviço acrescentado V. Excia. aos muitos que já prestou a Pátria, até nos campos de batalha. Capital federal, 31 de março de 1892. Marechal José de Almeida Barreto, Vice-almirante Eduardo Wanderkolk, general de divisão José Clarindo de Queiroz, general de divisão José Maria Coelho, digo Antonio Maria Coelho, general de divisão Cândido José da Costa, contra-almirante José Marques Guimarães, general de brigada João Nepumoceno de Medeiros Mallet, contra-almirante Dioniso Manhães Barreto, general de brigada e Inspector de saúde do Exército Dr. João Severiano da Fonseca, contra-almirante Manoel Ricardo da Cunha Couto, general de brigada José Siqueira de Aguiar Lima, general de brigada João Jose de Bruce, general de brigada João Luiz de Andrade Vasconcelos”.

Quando, tempos atrás, Custódio José de Melo esperava de Deodoro uma forte reação e, em vez, foi surpreendido com a abdicação do general, aconteceu, agora, exatamente o contrário com o apêlo dos 13 generais, pois êstes, uma vez entregue o manifesto, cruzaram os braços, nada mais fazendo, visto como representavam quase a maioria dos generais reunidos no Rio e, por isso, nem por sombras esperavam a violenta reação de Floriano. Êles porém, não o conheciam bem e quando notaram a forma pela qual Floriano dava resposta ao seu manifesto, já era tarde, até mesmo para escapar. Todos os treze foram presos por indisciplina, substituídos nos seus postos e deportados para lugares afastados, como Mato Grosso e Amazonas. E o mais interessante foi que, por isso, a situação do marechal, longe de se estremecer, tornou-se mais sólido e em fins de maio de 1892 o senado resolveu que as eleições não seriam realizadas e que Floriano completaria todo o quadriênio do seu antecessor. O espanto dominou as fileiras da oposição que passou à política das acomodações.

Em Blumenau, naturalmente, tinha-se que ficar ainda em oposição a Floriano, pois, de outra forma, seria aderir ao tenente Machado e a nova intendência e isso era, exactamente, o que ninguém queria.

O primeiro ato da Independencia foi criar um órgão oficial, que appareceu sob o título de “O Município”, a 18 de junho de 1892. A fôlha trazia, além das publicações officiaes notícias de carater geral. Nada de ataques pessoais, ou partidários. Não que faltasse ataques contrários, mas é que os federalistas davam as suas respostas aos ataques dos legalistas feitos pelas colunas do “Blumenuzeitung”, por meio de boletins avulsos.

Entretanto, o Tenente Machado convocou as eleições para a nova Assembléia Estadual e os legalistas preparavam-se para não disputá-las, pelo que tudo ia às maravilhas, esperando-se que decorresse tudo, daí por diante, em paz. Por Blumenau foram eleitos Leopoldo Engelke e Elsbão Pinto da Luz. Naturalmente os federalistas conseguiram tão poucos eleitores que êles, por assim dizer, tiveram que se eleger a si mesmos. Os legalistas festejaram o fato como uma grande vitória para a sua causa. Isso nada queria dizer, pois., os deputados haviam sido eleitos e seguiram para o Congresso. Quantos votos êles obtiveram, isso nada tinha a ver com o caso. Que um Congresso eleito por essa forma chegaria o Tenente Machado para presidente efetivo do Estado, era fora de dúvida. O primeiro vice-presidente eleito foi Eliseu Guilherme da Silva e o segundo Cristovão Nunes Pires.

O Congresso determinou o dia 20 de novembro para as eleições para as câmaras municipais. Isso não agradou aos federalistas. A fixação da data deixava claro o que iria acontecer. Êles prefeririam que os legalistas pegassem a abstenção, a exemplo do que haviam feito com as eleições para deputados.

Realmente, a vitória dos legalistas foi de tal forma estrondosa que não deixava a mínima dúvida. Tiveram êles 1174 votos, enquanto os federalistas mal chegaram a 69. Mas os federalistas haviam se preparado e como os resultados já haviam sido previstos, também haviam sido tomadas medidas para anulá-los. Realmente, sob o fundamento de que haviam sido eleitos nove em vez de sete vereadores, segundo determinava a nova constituição, as eleições foram anuladas. As novas eleições realizaram-se a 21 de Janeiro de 1893.

Entretanto, consolidava-se a situação de Floriano. Os generais exilados foram anistiados pelo congresso, juntamente com outros presos políticos, e muitos deles se transformaram de Saulo em Paulo. Naturalmente isso não agradou aos reacionários no ministério da marinha, Almirante Melo e o ministro da guerra solicitaram demissão. Isso era, exatamente, o que queriam os representantes de Santa Catarina no Congresso Nacional. Lauro Mueller que, astuciosamente, conseguira conserva-se no congresso, embora governador deposto, podendo, assim, continuar trabalhando pelo seu partido, acertou os relógios com o marechal presidente do que resultou um visível resfriamento nas relações do Tenente Machado com Floriano.

No Destêrro, o dr. Paula Ramos era um dos mais expertos chefes legalistas, pelo que era odiado pelo Tenente Machado e os seus adeptos. Haviam movido já tôdos os paulistas para atastá-lo dali, no que, até então, não se tinham bem sucedido, pelo que pensou-se no uso da violência. Quando, num belo dia (foi em outubro de 1892) camínhava despreocupadamente pela rua, Paula Ramos foi repentinamente abordado e preso por

um oficial do Tenente Machado que o meteu num navio e o conduziu até o Rio de Janeiro.

Houve sensação na capital federal. Requereu-se habeas corpus, que foi concedido e Paula Ramos regressou a capital do Estado. Mas o Tenente Machado não desistiu facilmente do seu plano e quando o navio que o trazia de volta ao Destêrro chegou a êste pôrto, uma multidão de populares, no cais, impediu o desembarque de Paula Ramos que teve, assim, que regressar ao Rio de Janeiro. Mas o político teimou em voltar ao Destêrro e, desta vez, armado de medidas tomados pelo governo federal, de sorte que o seu desembarque na capital do Estado se fez sem incidentes e Machado teve que desistir dos seus planos.

Em começo de janeiro de 1893. as coisas começaram a se tornar pretas em Blumenau. O dr. Hercílio Luz deixara-se arrebatado pelo seu gênio impulsivo e deu uns bofetões no juiz de direito, na própria residência deste. O juiz era um machadista apaixonado. O chefe de polícia veio a tôda pressa da capital, com alguns soldados. Não houve, porém, testemunhas necessárias para o procedimento, assim a coisa não teve maiores consequências.

Quando em 21 de janeiro houve a segunda eleição para a câmara, venceu o partido legalista novamente com esmagadora maioria. Os federalistas tudo fizeram para ganhar as eleições. Eles tudo haviam feito para receber os 7:000\$000 que o dr. Cunha havia depositado na Caixa Econômica e empregaram todo êsse e outros dinheiros nas estradas e pontes. Com êsse "trabalho eleitoral", êles conseguiram aumentar um pouco o número de seus eleitores, mas estavam ainda muito longe da vitória e, assim, teve a intendência que reconhecer a eleição, com exceção da do vereador Augusto Keunicke, que era inelegível por ocupar um cargo público (era agente postal de Indaial), podendo, assim, a nova câmara tomar posse a 2 de março de 1893.

Conforme se soube depois, não era intenção reconhecer-se a eleição. Pelo contrário, pensava-se em anula-las tantas vêzes até que os legalistas se cansassem e, ao mesmo tempo fôssem aumentando os eleitores federalistas. Conforme se soube, permitiu-se o reconhecimento da vontade do povo porque não se temia tanto a influência da câmara legalmente eleita quanto a dos chefes dr. Cunha e Hercílio Luz. E aparecera a oportunidade de afastar de Blumenau os dois líderes da legalidade, com o atentado ao comissário da polícia. Assim, não seria tão grande o inconveniente



de permitir-se o reconhecimento e posse da câmara eleita.

A nova câmara estava assim constituída:

Presidente: Henrique Probst

Vereadores: Luiz Abry, Fernando Hackbarth, João Scoz, Jens Jensen e Antônio Bernardo Haendschen.

A câmara deveria ter sete membros, mas, como já ficou dito, fôra anulada a eleição do vereador Augusto Keunecke. Segundo a nova constituição promulgada pelo Tenente Machado, não existia o cargo de superintendente, exercendo as funções executivas da câmara.

Sôbre o referido "atentado ao comissário de polícia" nas razões que lhe deram causa, tomamos do "Blumenauerzeitung", de 18 de fevereiro de 1893, o seguinte:

"Ante-ontem deu-se, aqui, um sério conflito. O dr. Hercílio Luz pediu ao juiz de paz, Frederico Rabe, uma certidão e encarregou o seu secretário Manoel dos Santos Lostada de ir receber essa certidão no cartório do escrivão de paz. Lostada dirigiu-se a êste e ali encontrou o comissário de polícia a despachar papéis do juiz de paz, que absolutamente não lhe diziam respeito e proibiu ao escrivão de dar a certidão pedida. Lostada protestou enèrgicamente contra o fato, contrário do direito e à lei. Depois de violenta troca de palavras, Lostada retirou-se, acreditando-se que o incidente tivera fim. Mas o fato foi outro. Pouco depois de duas horas, Lostada foi preso em casa do sr. Henrique Probst por ordem do comissário de polícia e não levado ao quartel, mas metido no xadrez. Êsse fato causou geral indignação e deu causa ao que se seguiu. Em pouco tempo reuniu-se um grupo de amigos do preso, na maioria armados, para exigir a soltura de Lostada. Foi enviado um emissário ao comissário para que soltasse imediatamente o preso, a fim de evitar que o povo o soltasse à força. A expectativa foi grande durante tôda tarde e aguardava-se que sobreviesse o pior. O comissário poderia ter evitado tudo, com a liberdade do preso. Mas êle se sentiu disposto a isso. Sòmente quando êle sentia a aproximação dos homens armados é que se decidiu a pôr Lostada em liberdade, mas agora a turma, já não contente com isso, exigiu do comissário as razões da prisão e que puzesse um fim no seu ódio político. Entretanto, ainda não havia sido pronunciada uma única palavra, quando o delegado, com o revólver na mão, exclamou: "Eu morro, mas não me prendem!" e disparou um tiro na direção de Hercílio Luz, tendo a multidão respondido com uma fuzilaria, sem contudo ter acertado o comissário. Êste

atirou mais uma vêz e pôs-se em fuga. Êsses dois tiros foram, por alguns mais alvoroçados, e que não podiam aguentar-se por mais tempo, respondidos. Nós temos que afirmar categòricamente, que o primeiro tiro não partiu da multidão, como o sr. L. procura fazer crer-. Segundo se diz, o comissário foi atingido por mais de um tiro. "Quem semeia ventos, colhe tempestades", pode ser aplicado perfeitamente à êste fato. Por continuados atos de violência, provocações e menospreso dos direitos do povo, o arco foi repuxado que acabou quebrando. Segundo as suas repetidas afirmações de que, com um só tiro, êle derrubaria uma centena dêsses alemães de merda, foi que o comissário iniciou o fogo. Teve, porém, aí a conclusão de que se enganara redondamente e que a "canalha alemã" não era o que êle pensava. O caso é tão sério e tão lamentável, que é de se desejar que não se repitam cenas tão degradantes. Compreendam as autoridades o seu dever e ficar dentro das fronteiras da lei, respeitando o direito dos cidadãos a fim de que êstes não se vejam obrigados a fazer justiça pelas próprias mãos. Afim de evitar a reprodução dêsses fatos, uma comissão dirigiu-se ao juiz de direito, solicitando-lhe a interferência para a abolição de tais atos de fôrça e a nomeação de um comissário de polícia justo e apartidário. O juiz prometeu fazer o possível e a comissão deu-lhe a segurança de que poderia contar com o apoio de Blumenau para uma aplicação justa das leis".

Êsse editorial do "Blumenauerzeitung" foi contestado em um boletim espalhado pelo partido federalista, especialmente em um ponto que era da maior importância nas ocorrências. Terminada a discussão entre Lostada e Elesbão, o primeiro voltou ao seu escritório, narrando ao dr. Hercílio a ocorrência. Êste, na explosividade natural de seu gênio, dirigiu-se a Elesbão e acumulou-o com uma saraivada de insultos. Elesbão, como parente do seu antagonista e igualmente violento não ficou a lhe dever as "amabilidades" que ouvira de sorte que a discussão aumentou de calor e Elesbão, no auge da raiva, mandou prender Lostada. Êle Determinara, também, - assim dizia o boletim - a prisão do dr. Hercílio, o que, entretanto, como parente seu não deveria ter feito, pois, para tanto precisaria passar o exercício ao seu substituto. Em todo caso, o atentado foi um êrro que não deveria ter sido cometido. Êle criou, para o partido legalista, uma séria situação. Isso já se poderia prever quando uma comissão se dirige ao juiz de direito, pedindo-lhe a intervenção, ao mesmo juiz que o dr. Hercílio havia esbofeteado e quando êste prometeu fazer o que pudesse no caso, amigavelmente, não seria difícil advinhar que espécie de intervenção

êle faria.

Aliás, os legalistas não tinham ilusões a respeito e logo depois que o chefe de polícia - que era o famoso Dr. Caldas, sôbre o qual corriam boatos de haver praticado vários crimes no Rio Grande - chegou com uma grande escolta de Soldados, haviam fugido para os mais reconditos cantos da colônia e até para o meio do mato virgem.

O chefe de polícia tratou de fazer quanto antes, o inquérito e, logo que êste foi concluído e dada a pronúncia foi-lhes decretada a prisão. No mandado de prisão estavam incluídos o dr. Cunha, o dr. Hercílio Luz, Manoel dos Santos Lostada, Francisco Margarida, Francisco da Cunha Silveira, Augusto Schulte, Hermann Baumgarten, Otto Moldenhauer, Fides Deeke, H. F. Schmidt, Finster Junior (a respeito dêste, tratava-se de uma troca de nome, pelo que a prisão não foi concretizada), Gustavo Binger, Ernes Eckardt e Paulo Zimmermann. O citado documento era mais um atestado da arbitrariedade policial pois rezava, contra todos os princípios jurídicos e normas policiais brasileiras, que o oficial de justiça, por meio dos soldados, poderia até tirar a vida daqueles que resistissem a prisão (Blumenauer Zeitung de 10 de junho de 1893. O documento também foi lido no Congresso Nacional.)

Depois que Caldas conseguiu prender o dr. Cunha e Lostada, o dr. Hercílio deixou o seu esconderijo, regressando à sua casa, onde, no dia seguinte, ao raiar da manhã, um grupo de policiais o prendeu e o levou, como a um grande criminoso, para o xadrez, entre as pontas das baionetas caladas, sendo dali, dentro de pouco tempo, levado para a cadeia de Destêrro, juntamente com os outros dois presos.

Em Blumenau os federalistas estavam agora em mãos livres e, para a defesa de seus interesses resolveram fundar uma fôlha política. Em breve apareceu um novo "Immigrant" o qual, sob a direção de Paulo Stelzers prometia no seu artigo de fundo defender os interesses dos federalistas. A nova fôlha nada tinha que ver com o outro jornal do mesmo nome, de propriedade de Paulo Scheimantel e não pôde suster-se por muito tempo, pois já com o numero 16, cessou a sua publicação a 1.º de julho de 1893.

O pastor Haermann Faulhaber adquiriu depois a tipografia, na qual, a 18 de julho começou a ser impresso um novo jornal imparcial, denominado "Der Urwaldsbote". (Nota no fim da página: "Os legalistas não reconheceram a imparcialidade do "Der Urwaldsbote" porque embora a fôlha, na sua parte redatorial não se envolvesse nas questões partidárias não se lhe podia negar tendência favorável aos federalistas).

Entretanto, os amigos dos Drs. Cunha e Hercílio lançavam mão de todos os recursos para libertá-los e como a ligação dos legalistas com Floriano cada mais se estreitava, enquanto enfraqueciam as relações com Machado, as perspectivas não eram más. O tenente Machado teve, assim, que suportar que os prisioneiros, bem como os denunciados ainda soltos, fôsem absolvidos pelo Tribunal de Justiça, ou despronunciados, e anulado o processo em que os mesmos foram envolvidos.

Entretanto, o tenente Machado era um militar ativo e estava longe de concordar com a sentença dos juizes. Apesar dos membros do judiciário serem vitalícios, êle dissolveu o Superior Tribunal e nomeou novos desembargadores, naturalmente criaturas sujeitas à sua vontade,

Como essa pseudo justiça se haveria com o processo é difícil de

se dizer, mas ao Rio não deixou de chegar nada. Por meio do representante de Santa Catarina, o Supremo Tribunal Federal tomou a si o caso e determinou a ida dos presos para o Rio, onde lhes foi concedida Habeas corpus e foram postos imediatamente em liberdade. .

A 8 de junho de 1893 chegavam os "mártires políticos" novamente a Blumenau, onde a população lhes preparou festiva recepção. Lamentavelmente, à noite, no hotel Cristiano Schidt, onde se realizava um grande baile, deu-se um conflito entre a polícia e participantes da festa, do qual saíram feridos o oficial da polícia e alguns praças e seis civis. Enraivecidos, os soldados foram ao quartel e lá se armaram de carabinas e puzeram-se em fila diante do salão, disparando, contra êle, várias desgargas. O pânico, que os tiros ocasionaram foi grande. Foi uma grande casualidade não ter havido nenhum morto e nem mesmo ferido, embora as paredes tivessem sido perturbadas pelos projéteis. O governador Machado não mandou castigar os soldados por êsse feito. Não foram nem mesmo removidos.

Enquanto os fatos atrás narrados iam se desenvolvendo em Santa Catarina e em Blumenau a elervescência politica aumentava em todo o pais até que no Rio Grande do Sul a coisa pegou fogo. Rio Grande fôra um dos primeiros Estados que, com a queda de Deodoro, tiveram também mudado o seu govêrno e, assim, o governador eleito Dr. Júlio de Castilhos, em novembro de 1891 teve que participar do mesmo destino de Deodoro. Mas, a nova ordem não pode também firmar-se, Um interventor substituiu o outro até que em 17 de junho de 1892 o governador legal Dr. Júlio de Castilhos voltou novamente ao govêrno, a êle se atendo com mão forte. Não poude, porém, evitar que os elementos oposicionistas - à sua frente Silva Tavares - se reunissem nas campanhas e, formando batalhões, se levantassem em pé de guerra contra a sua autoridade. E como essa revolução desde logo tomara aspécto muito sério e o Estado do Rio Grande não estivesse em condições de enfrentar, sozinho, o movimento, que tinha a instigá lo, também, a vizinha república do Uruguai, o govêrno federal veio em seu auxílio mandando tropas sob o comando do coronel Salgado, aliás, major. Mas êsse major que não tinha grande noção do que fôssem ordem e disciplina, em vez de combater o inimigo, a êle aderiu, assumindo o comando em chefe das forças revolucionárias. Êsse fato, naturalmente, impulsionou o entusiasmo dos revoltosos e o caudilho Gumercindo Saraiva, natural do Uruguai, com seus irmãos Cesário e Aparício vieram, com apreciável número de revolucionários aumentar as tropas sediciosas, que conquistaram várias vitórias em combates com os legalistas. A situação dêstes, dia a dia piorava. O marechal presidente, porém, estava ao par da situação e depressa organizou grandes tropas e enfrentou os revoltosos. Além disso, foram tomadas outras providências, como p. exemplo a criação de batalhões de fronteira entre Santa Catarina e Rio Grande, no propósito de evitar que os revoltosos invadissem o primeiro.

As relações entre o Tenente Machado e o Marechal Floriano tornavam-se cada vez mais críticas; dizia-se por isso, que Machado se achava em contacto com os revolucionarios do sul para, com êstes, fazer frente a Floriano. Por último as divergências entre os dois se tornaram tais, que Floriano encontrou a melhor solução, para aniquilá-lo dando mão aos legalistas. Primeiramente, Machado foi processado pelo juiz federal com base em arbitrariedades praticadas, sendo pronunciado e suspenso de suas funções. Isso, en-

tretanto, pouco adiantou, pois o primeiro vice presidente, Eliseu Guilherme, assumiu o governo e êle resava pela mesma cartilha de Machado, talvez até com mais energia.

Havia, pois, necessidade de organizar um "putsch" se quizesse tomar-lhe o governo das mãos. Mas isso agora não seria tão fácil como com Lauro Mulher, pois, naquela ocasião não havia perigo a temer, mas Machado fôra, nêsse sentido, mais prudente, pois elevou o efetivo policial para 400 homens de infantaria e 150 de cavalaria. Não constituiu isso um grande feito, mas, em todo caso, com isso o povo poderia ser contido. Por isso, foi organizado um novo plano, logo pôsto em execução. Naturalmente, antes todos os cargos federais foram preenchidos por legalistas e também arranjou-se um oficial legalista para comandante da guarnição federal.

No mês de julho chegou, de improviso, em Blumenau o tenente Camisão acompanhado de alguns soldados a fim de ali organizar um batalhão de voluntários a fim de seguir para o Rio Grande e dar combate aos revoltosos. Tempos antes um outro oficial ali estivera com o mesmo fim, mas não conseguira nenhum voluntário, pois, para tomar parte em guerrilhas no sul, os blumenauenses não se sentiam com alguma disposição. O mesmo teria acontecido com o Tenente Camisão se não se tivesse sabido, com muita antecipação, que a finalidade do batalhão agora seria outra. É certo que, também desta vêz, o povo em geral não se entusiasmou com o envergar a farda vermelha, mas também não haveria mesmo necessidade de tanta gente, de sorte que bastaram os 160 voluntarios que se apresentaram, na sua maioria da melhor sociedade, para completar a obra.

Tão pronto os voluntarios estiveram exercitados e prontos para marchar para Destêrro, o partido legalista fez desabar o temporal. Em todos os municípios onde o partido era fortemente representado, as autoridades do Tenente Machado eram expulsas e proclamada a "volta da legalidade". Blumenau, naturalmente, estava novamente à frente e foi, até proclamada a capital provisória do Estado. Sôbre o que aconteceu naquele dia, escreve o "Blumenszeitung", de 29 de julho de 1893, em resumo o seguinte: "Em solene reunião da câmara municipal, a 22 de julho de 1893, e na presença de grande massa popular, foi o dr. Hercílio Luz proclamado governador do Estado e ao mesmo tempo empossado pela câmara. O dr. Paula Ramos, em longo discurso, expôs os motivos da revolução e comunicou, ao mesmo tempo, a adesão de todos os municípios, de sorte que o movimento poderia se considerar vitorioso. O dr. Hercílio Luz em seguida lançou uma proclamação ao povo catarinense, onde também explicava os motivos e as finalidades da revolução e decretou a elevação de Blumenau á capital provisória.

Tôdas as ocorrências foram comunicadas, pelo tio, para Destêrro e lá, uma comissão foi ao palácio aconselhando Eliseu a resignar ao governo em virtude da exigência da maioria dos municípios. Mas Eliseu respondeu que toda a revolução não passava de uma brincadeira de crianças e que êle a acabaria em quatro dias."

Eliseu pensou em dominar primeiramente a irriquieta Blumenau e mandou contra ela a sua polícia, para que esta, tão logo o batalhão de voluntários se atastasse de Blumenau, tomar a capital provisória. Pensou que isso tudo seria muito fácil na ausência dos revolucionários.

Em Blumenau, porém, tivera-se consciência do perigo e quando o

batalhão de voluntários deixou a cidade, moços e velhos se uniram para defendê-la, pondo-a em condições para isso sim, até os próprios contrários, os alemães partidários do Tenente Machado, também ajudaram, pois também eles sabiam muito bem que não estavam livres do que poderia acontecer se a polícia conseguisse entrar em Blumenau. No fim da Vorstadt, perto do Radke, entre a estrada e o rio foi levantada uma trincheira de madeira, um pôsto de guarda avançada e esperou-se o que estava por vir.

A castástrofe veio, mas, felizmente, a favor de Blumenau. O "Blumenauerzeitung", de 29 de julho, escreve a respeito:

"As 3 horas da tarde, mais ou menos, do dia 28 de julho, o nosso pôsto avançado lançou a bandeira branca, o sinal convencionado para avisar que a polícia se aproxima. Depois de mais ou menos um hora a tropa (a infantaria era empurrada à fôrça, pela cavalaria) encontrava-se à altura da Ponte do Wloch e quando se encontrava a uns 400 passos dos nossos, a infantaria abriu fogo que, apesar da distância, foi respondido pelos nossos. Depois de acêsa a fuzilaria, parte da infantaria tentou desalojarnos do morro, mas um dos nossos flancos atacou com sucesso tão grande que, depois de uma pequena troca de tiros, o inimigo pôs-se em fuga desabalada. Apenas o comandante da cavalaria tentou ainda reagir, determinado uma carga de carabinas, com a qual esperava pôr-nos em fuga. Os seus estorços, entretanto, foram vãos. Nenhuma das balas disparadas pela polícia, que foram em número calculado de mais de mil, atingiram algum alvo e os hurras da nossa parte demonstraram ao comandante que êle poderia ser um bom cavaleiro, mas que era, também, um péssimo atirador. Por fim desistiu, também do intento e com a sua gente e os cavalos feridos, deixou o campo de luta.

Os componentes da tropa policial eram, mais ou menos, de setenta que tomaram parte no combate, a maior parte armados de "pica-paus" de pequeno alcance. A polícia, entre a qual se achava o deputado Elesbão Pinto da Luz, teve dois mortos, nove, mais ou menos gravemente feridos e uns vinte receberam ferimentos leves. O cavalo do cabo de cavalaria (também incluído nos gravemente feridos), foi morto com um balaço. Os blumenauenses prenderam nove carabinas comblain, uma quantidade de baionetas, muita munição, um prisioneiro. Não tiveram nem mesmo um único ferido.

Deve-se guardar, com reconhecimento, a lembrança daqueles que, defendendo a sua cidade, sacrificaram-se na medida do possível, sustentando-se a si próprios com munição de boca e de guerra, de qualquer forma, concorreram para a segurança e persistência da defesa. Agradecimentos a todos aqueles que, nessa oportunidade, conquistaram tão grande benemerência".

A vitória de Blumenau nessa "batalha" de meia hora - pois maior não foi sua duração - foi completa e as tropas da polícia foram tomadas de tal pânico que empreenderam uma fuga verdadeiramente desesperada. Jogavam fora as armas e desertavam aos montes. Naturalmente, permaneceu-se ainda algum tempo ainda de sobreaviso em Blumenau, pois não se tinha certeza sôbre se a polícia tentaria uma segunda arrancada, ou não. E só depois que tôda a redondeza foi batida e vasculhada é que todos voltaram às suas casas.

Nesse meio tempo, a "Guarda Cívica", como passou a chamar-se o batalhão de voluntários chegara ao Destêrro e lá deu desempenho á sua missão secreta.

Para contar como isso aconteceu, vamos dar a palavra, desta vez, ao próprio Eliseu Guilherme: (Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa em 7 de agosto de 1893)

"Enquanto as forças policiais marchavam para Blumenau, os chefes revoltosos Hercílio Pedro Luz, Victorino de Paula Ramos e dr. José Donifácio da Cunha, depois de terem organizado o batalhão dos chamados "cívicos alemães", sob o comando do tenente Camisão, deixaram Blumenau, em marcha para Pôrto Belo, à frente dêsses cívicos. Em Pôrto Belo embarcaram-se no vapor "Itapemirim" com destino a esta capital. Os citados "Guardas Cívicos, em número de mais de 130, armados de Comblains, fizeram a sua entrada nesta capital em trajes civis, em ordem unida, tendo a frente o comandante do Distrito Militar, em pessoa, e foram quartelados no quartel do 25.º Batalhão.

Um dêsses indivíduos, indagado sôbre o fim da missão que os trazia à capital, disse claramente que êles não se destinavam ao serviço militar nas fronteiras, como se dizia, mas sim para depôrem o govêrno do Estado e para providenciarem os necessários "Vivas!"

Logo em seguida, recebi aviso de que, na mesma noite, seria dado o ataque ao palácio, pelo que resolvi passar tôda a noite nêle, juntamente com amigos que se apresentaram voluntariamente para me defenderem.

Haviam faltado, entretanto, as necessárias encenações e estas se realizaram a 30 de julho.

Nesse dia, marcharam em parada, pelas ruas da cidade, algumas tropas, na retaguarda das quais iam os cívicos de Blumenau. Nessa aparatosa exibição, achavam-se também dois pequenos canhões Krupp, pertencentes à fortaleza de Sta. Ana e que depois foram transportados e montados na praça frente ao palácio, atroando os ares com os seus estampidos.

Na noite do mesmo dia - assim me foi dado aviso do próprio quartel - a uma hora da madrugada, deveria começar o ataque.

Firme no meu pôsto e ao meu lado o tenente Manoel Joaquim Machado, digno presidente do Estado, o qual, vendo-me em perigo de vida, não quis me abandonar, o presidente da câmara Municipal, Germano Wendhausen, destacados cidadãos e moços do comércio, aguardamos unidos o ataque.

Às duas horas da madrugada começou a fuzilaria contra o palácio do Govêrno. A êsse ato de vandalismo não precedeu nenhum aviso ou intimação, sendo sem exemplos a traição e a perversidade como agiram os agressores, fazendo seguidos disparos, entrincheirados em vários pontos, disparos que só terminaram quando a corneta do quartel do Comando Militar deu o toque de cessar fogo.

Logo depois dos primeiros disparos, caiu ao meu lado, no meu próprio gabinete, feridos por duas balas, o esperançoso catarinense, Manoel Derlink da Silva, pai de numerosa família. Ao mesmo tempo, sofreu dois graves ferimentos, o prezado cidadão João da Fonseca Póvoas e também na mesma hora caía no saguão do palácio, gravemente ferido, o cidadão Rodolfo Maya. O guarda policial José Gomes, que se encontrava na rua, ao lado do palácio, foi morto com dois tiros no peito. Os doutores Cordeiros Júnior e Paula Freitas, médicos militares, que procuravam seguir para o quartel, foram atirados pelas costas, pelos alemães que se encontravam no Hotel. O dr. Cordeiro Júnior caiu logo morto, pois a bala com que foi atingido lhe atravessara o coração, enquan-

to o dr. Paula Freitas foi atingido na parte superior da coxa por um projétil.

Passada a tragédia, compareceram ao palácio dois oficiais do comando do distrito, por intermédio dos quais o comandante Serra Martins mandava-me dizer que se responsabilizaria pela manutenção da ordem. Ao mesmo tempo o capitão-tenente Mourão dos Santos, operoso capitão dos portos, que me transmitiu idêntico recado do comandante do distrito, com o qual o mesmo entrara em entendimentos. Eu aceitei o oferecimento e passei, confiantemente, ao comandante Serra Martins a guarda das repartições públicas.

Entretanto - e é com grande pesar que o digo - poucas horas depois recebi eu a notícia de que o tesouro do Estado assim como a Câmara Municipal, haviam sido tomados pelos "cívicos". Eu permaneci durante todo o dia e o resto da noite de 31 no palácio, sem que os "valentes" autores da nefanda proesa tivessem a coragem de se dirigirem a mim ou me mandassem alguma intimação.

Como, porém, eu não quizesse que os meus amigos caíssem em novo banho de sangue, na noite seguinte, por alguma traição, ou emboscada, deixei o palácio às nove horas da noite....."

Seria ir muito longe, transcrever todo o relatório de Eliseu, tanto mais quanto êle, insultado pelos raivosos inimigos dos blumenauenses, não podia se responsabilizar pela imparcialidade das informações. Vê-se, logo de comêço que êle estava afastado da verdade.

Assim, por exemplo, diz Eliseu que as tropas policiais haviam sido mandadas a Blumenau, somente para prender os chefes revoltosos e que as mesmas queriam apenas chegar até aquela cidade, a fim localizarem os citados elementos. Ele nega, assim, que as suas tropas, muito ao contrário, das suas informações, foram a Blumenau, ou melhor iam a Blumenau com outros fins, tendo sido tão facilmente postas em debandada e pode-se bem imaginar que nada de bom delas lá se poderia esperar, pois, pelo caminho, já iam cometendo tôda sorte de saques e arbitrariedades. Certamente não foi mais do que uma tentativa de justificar a fuga desabalada da sua polícia que levou Eliseu a afirmar que a polícia levava a Blumenau uma simples missão de "reconhecimento".

Quando Eliseu, na noite de 31, deixou o palácio, dirigiu antes, ao comandante do distrito policial, Serra Martins, um comunicado onde lhe transmitia a responsabilidade pela manutenção da ordem, deixando, porém claro, que não resignaria à presidência



do Estado, enquanto o govêrno federal não decidisse a situação. O comandante assumiu o encargo, pois, como se afirmava no documento supra, "a situação em Santa Catarina era anormal e a ordem pública corria grande perigo".

Eliseu continuava assim, o seu relato:

"Pode-se bem imaginar como foi grande a minha surpresa quando, ao regressar no dia seguinte ao palácio, encontrei o mesmo ocupado por estranhos armados e o rebelde Hercílio Pedro da Luz nêlo instalado".

Realmente, durante a noite, os blumenauenses haviam entrado no palácio e o dr. Hercílio Luz tomara posse do govêrno.

Eliseu, porém, não descansou. Telegrafou imediatamente ao presidente da República e pediu, baseado no artigo 6, § 3º. da Constituição Federal, o auxílio do govêrno federal. Esse auxílio e, em vista dos antecedentes acima narrados, difficilmente se acreditaria nisso - foi-lhe logo concedido. Hercílio teve que deixar, juntamente com os blumenauenses, o palácio.

Não se sabe ainda até hoje, com certeza, porque Floriano, depois de ter insuflado todo o movimento e de ter feito as fôrças federais representarem, por muito tempo, uma comédia, recuara tão repentinamente. Mas os motivos devem ter sido muito poderosos, porque apesar de tudo quanto houve com os blumenauenses e os legalistas, êle continuou a agir com lealdade e isso pode-se deduzir, por exemplo, de que o batalhão de blumenauenses não foi enviado para o Rio Grande, como Eliseu e os seus partidários muito desejavam, mas foi, "por castigo" pela conduta, dissolvido e os seus componentes mandados para casa. Além disso, foi imediatamente decretada a anistia para todos os envolvidos no movimento, de sorte que a ira dos federalistas e o seu desejo de vingança não os alcançaram.

Passou-se algum tempo até que os partidos litigantes se reconciliassem. Várias medidas foram tomadas nesse sentido. O dr. Hercílio Luz foi ao Rio de Janeiro, onde Floriano deu-lhe um lugar de destaque no govêrno do Destêrro deixou, primeiramente, os blumenauenses em paz, e foi até além, nomeando um comissário de policia imparcial, na pessoa de Felipe Doerk.

Mas quando o Congresso Estadual se reuniu em agôsto, verificou-se a boa vontade com que Blumenau era olhado. Gaspar foi desmembrado e anexado à Itajaí e Indaial da mesma maneira desanexado para formar um município autônomo. Dessa forma o

odiado Blumenau se tornara bem pequeno. Mas êle ainda podia dar-se por satisfeito, por isso, visto como no Congresso, formara-se um grande partido - entre cujos principais componentes se contavam os germanófobos Leal e Sales Brasil que desejavam ver Blumenau riscado do mapa, formando do seu território dois municípios, um em Indaial e o outro com sede em Gaspar.

Pouco depois dos acontecimentos do Destêrro, Eliseu seguiu para o Rio de Janeiro, passando o govêrno ao vice-presidente (2.º) Cristovam Nunes Pires que chamou logo sôbre si a atenção dos partidos, quando vetou várias proposições do Congresso, por exemplo a mudança da capital para Lajes e também a elevação de Indaial a Município. Naturalmente os seus vetos tiveram valor, pois o Congresso, apesar dêles e depois de nova discussão, os rejeitou e promulgou as leis.

Com a instalação do município de Indaial, tinha-se muita pressa. Não se designou data para a eleição da Câmara, mas nomeou-se logo uma intendência, que tomou a si a administração da nova unidade. Essa intendência era composta dos cidadãos Leopoldo Hoeschl, Augusto Keunecke, Frederico von Ockel, Kleine, Reuter, Heidorn e Struwe.

Nesse entretempo, a Revolução no Rio Grande do Sul crescia de intensidade e não se lhe previa fim para breve, pois os federalistas, como os revolucionários eram alcunhados, procuravam fugir o mais possível aos combates, a fim de poupar os seus homens, ou, talvez, para cansar as tropas gavernistas. No Rio andavam rumores pelo ar. Falava-se em processo contra revolucionários encobertos. Em julho, o almirante Wandenkoik tentou revoltar a esquadra contra Floriano. Foi infeliz e teve que pagar suas culpas na fortaleza de Santa Cruz.

Mas de repente, a 6 de setembro de 1893 desencadeou-se a tempestade quando o contra-almirante Custódio José Melo apoderou-se da esquadra surta no pôrto e, com isso e mais o apoio do almirante Saldanha Gama, comandante da Ilha das Cobras, e do Forte de Willegaignon, quis obrigar o govêrno a renunciar. Como Floriano não cedesse e, antes, procurasse organizar forte resistência em terra, a esquadra, composta do cruzador "República", sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra Lorena, do navio Pallas, a serviço da marinha e de propriedade da Companhia Frigorífica deixou, a noite, o pôrto, do Rio de Janeiro, a fim de levar a revolução ao sul e pôr-se em ligação com os revolucionários no Rio Grande.

As coisas agora tomavam outro rumo. Lorena ocupou sem combate, a cidade de Destêro, que Serra Martins não pôde defender e o govêrno de Santa Catarina jogou-se nos braços dos revoltosos.

O capitão Lorena lançou um manifesto, elevando Destêro à capital provisória do país e proclamou-se a si mesmo presidente interino da república (30 de setembro de 1893).

O Congresso de Santa Catarina deu ainda mais um passo à frente, aprovando uma moção de que enquanto o marechal Floriano permanecesse no govêrno, Santa Catarina não faria parte do Brasil.

A pronúncia contra Machado foi declarada nula e o mesmo reassumiu o govêrno do Estado.

Em Blumenau estes acontecimentos não causaram lá muita sensação, pois ficava longe do centro de ação, e os revoltosos tinham muito que fazer para pensar nos outros. Assim, primeiramente, a ação se fez sentir pela mudança de algumas autoridades federais, entre as quais Santos Lostada, que durante a ausência do dr. Hercílio Luz, exercia o cargo de chefe interino da Comissão de Medição e que foi substituído por Paulo Schwartz. O Dr. Cunha foi demitido do cargo de médico da comissão. Os legalistas de Destêro, naturalmente, procuraram se afastar de lá, como o dr. Paula Ramos que veio para Blumenau.

Nesse meio tempo, o belo vapor "Pallas" encalha em Itajaí, onde acaba se afundando na areia. Disso, entretanto, pouca conta fizeram os revolucionários. Apossaram-se de outros vapores. Até o pequeno rebocador blumenauense "Jan" foi incorporado à esquadra revolucionária.

De improviso surgem os boatos: os revolucionários rio-grandenses haviam atravessado as fronteiras catarinenses, espalhando-se por vários lugares. E até, dizia-se, já se aproximavam das divisas de Blumenau.

Por volta do meio dia de 25 de novembro, chegou o representante do general Paulino de Chagas, o tenente Jorge Wallau a Blumenau, e manteve, na Câmara, onde se reunira também a intendência de Indaial, com a de Blumenau, e aí foram acertadas as condições sob as quais as tropas teriam livre trânsito pelo município. Segundo se dizia, as tropas teriam um efetivo de 400 homens e levavam consigo 400 cabeças de gado (aliás, 4.000 homens e 4.000 cabeças de gado (quatro mil).

No mesmo dia foi espalhado o seguinte beletim:

Para sossêgo das populações de Blumenau e de Indail, comunicamos que as tropas revolucionárias, sob o comando do general Gumercindo Saraiva e do general Paulino das Chagas, passarão, nestes dias, por estas colônias. Os signatários garantiram-lhes franca passagem, caso êles, sob palavra de honra, respeitassem a nossa neutralidade. Pedimos aqui à população, que evite qualquer ocorrência que possa dar motivo a conflitos. Probst, Hoeschl, Doerk.

Na noite de sábado para domingo chegou o general Paulino das Chagas com o seu estado maior a Blumenau e mandou espalhar o seguinte manifesto:

“Quando ontem passei por esta colônia, encontrei-vos sobressaltados e predispostos a impedir a marcha das tropas sob meu comando e do general Gumercindo Saraiva, em razão de boatos sem fundamento e pelos quais a população de Blumenau não pode ser responsabilizada. E como eu respondo pela disciplina das tropas sob meu comando sei igualmente que o exército do general Saraiva vem com as mesmas disposições, eu vos asseguro sob palavra de honra que essas tropas não farão a mínima ofensa, ou prejuizo, a famílias ou propriedades. E caso alguém sofra algum prejuízo nas suas propriedades, eu me comprometo, e ao mesmo tempo em nome do govêrno, a indenizá-lo imediatamente.

Eu prometo ainda mais afastar-me daqui somente depois que tôda a tropa tenha passado a fim de que eu possa atender pessoalmente a tôdas as reclamações. Daqui não queremos mais nada, senão passagem livre.

Os boatos referidos, do qual o general fala no Manifesto acima foi espalhado por um sargento das suas próprias tropas, que por isso teria sido castigado.

Sôbre o que se seguiu, escreve o “Blumenauerzeitung” de 2 de dezembro de 1893, isto: “Nas ruas da Vila só se depararam caras sérias e graves. Todo mundo acreditava que as coisas não correriam sem outras consequências. Muitíssimos pais de família tomaram as providências necessárias para pôr as suas famílias em segurança e também para protegerem os moradores e os seus haveres até pelas armas. Depois que muitos pais de família deixaram a Vila chegou, na segunda-feira ao meio dia, o primeiro grupo de revoltosos, pouco mais de 100 homens (inclusive mulheres e crianças), policiaes, militares e gente que a

isso lôra obrigado, de Lages, principalmente. Na terça-feira, seguinte, chegou uma parte da tropa de Gumercindo. Este mesmo chegou na quarta-feira pelo meio dia à sede da Vila de Blumenau, para já no meio dia seguinte pela manhã, marchar para diante, rumo a Brusque. Gumercinda Saraiva é um homem de bela constituição e de trato agradável, como também toda a sua gente é muito cordial e cortêz.

Na quarta feira de tarde e quinta pela manhã, começou o embarque dos homens em vapores, para Itajaí, visto como, em grande parte, haviam vendido as suas montarias, trazidas de Lages e Curitibanos e levavam, apenas, consigo os selins e demais apetrechos de montaria. Criar-se-ão aqui situações bem desagradáveis se os lajeanos aparecerem para reclamar o que lhes foi arrancado à força e aqui vendido por preços irrisórios.

O resto da tropa, que não constava de 4 000, mas de umas 1.600 pessoas, chegou aqui na sexta-feira, sob o comando do general Guerreiro. Também as 4.000 cabeças de gado, que o tenente Wallau calculara, não eram mais, para falar a verdade, do que 31 apenas. É de se supor que os revolucionários não tiveram tempo de arrebanhar mais gado nos campos de Lajes e Curitibanos. A tropa, que em grande parte é composta de negros e uruguaiois, está em miserável estado e muita gente anda, praticamente, nua. Como vestimenta, carrega, apenas, um pedaço de pano em volta das cadeiras. Há três meses falta-lhes o sal. A tropa causa uma péssima impressão. Descreve-las é impossível. Acreditamos que quem vir essa tropa fica curado do seu entusiasmo pela "libertação da pátria", pois não passa de escarneo, ver essa gente que certamente nada tem de patriotismo e que, somente em pequena parte é composta de brasileiros, bater-se pela "libertação da pátria". O que lhe é que essa gente - cujo próximo destino é o Paraná, se êles lá chegarem - que desde o começo da revolução não viram um real de sôlido (apesar de parecerem bem fornecidos de dinheiro, que em grande quantidade aqui deixaram em vestimentas). Entre os oficiais se conta um filho de Silveira Martins, o qual não fica atrás do pai em beber cerveja e ofender os alemães. Até sábado à tarde os nossos dois navios já haviam levado cêrca de 400 homens da tropa para Itajaí, quando a tarde chegou a notícia que as tropas do govsrno, sob o comando dos generais Lima e senador Pinheiro Machado estavam em marcha e já se encontravam mais ou menos, á altura do Neisse. Essa notícia, causou entre os revolucionários um pânico medonho fazendo-os perder a cabeça.

Viu-se na Vila uma correria de uns atrás dos outros, que não se pode descrever.—Todas as carroças em condições foram requisitadas e os que não queriam cede-las por bem, tinham que fazer pela violencia. Nessa ocasião, segundo nos contou pessoa digna de fé, que acompanhava as tropas de Gumercindo, que essa era tôda a tática dos revoltosos. 'A proximidade do inimigo, deixavam o campo, procurando evitar qualquer combate, procurando, por essa forma, cançar as fôrças governistas. Assim se esclarece o motivo porque essa malfadada guerra civil não tem um fim. Em face das notícias da aproximação das tropas governistas, ficamos livres dos revoltosos mais depressa do que se julgara, pois êles, puzeram-se em fuga vergonhosa e desabalada, não antes de haverem praticado um ato de bravura: Paulino das Chagas que, em Lajes, fôra proclamado general por uns 60 homens, no alvoroço da fuga, arrancou o aparelho telegráfico da nossa estação e levou-o consigo

No domingo, depois do meio dia a vanguarda do general Lima chegou a Blumenau. Também essa tropa estava em estado lamentável, o que era compreensível, pois sabe-se que desde julho estava em perseguição de Saraiva e haviam feito centenas de quilometros a pé. Sabendo-se que as tropas de Saraiva estavam tôdas montadas e que as do govêrno, ao contrário, compunham-se, apenas, de cavalaria e artilharia é de se admirar como perseguiam, estas com tanta presteza àquela de sorte que teriam aqui apanhado os últimos efetivos de general Guerreiro, se um bom amigo não os tivesse prevenido da aproximação dos legais.

Entretanto, os revolucionários seguiram adiante nos vapores «Uranus» e «Iris», não se sabendo com certeza para onde. Entretanto, todas as probabilidades são para o próximo fim da luta, pois, no Sul, estão o general Arthur Oscar e o major. Firmino com 2.000 homens, no Norte, no Rio Negro, o general Argolo com 4.000 homens e aqui o general Lima com 3.200 homens. Essas tropas tem a sua disposição mais de 22 canhões e grande quantidade de metralhadoras. No sul, o general Arthur Oscar deu combate às tropas de Salgado e impeliu-as até Laguna. Aqui as tropas revolucionárias, com excepção de uns pequenos furtos, comportaram-se bem. Êles tinham grande respeito pelos alemães.

Depois da saída dos revolucionários, voltaram às famílias que haviam saído, às suas casas e todos viam, com alívio, a chegada das tropas governistas, como uma garantia de segu-

rança pessoal. Como já dissemos também essa gente estava em miseráveis condições. Isso deu oportunidade a população de demonstrar os seus sentimentos de humanidade. Todos forneciam peças de vestuário e muitas carradas de mantimentos vieram da colônia, dos mais longínquos distritos do município. Desde o general aos últimos homens, a tropa ficou satisfeita com a cordialidade da recepção que aqui teve de toda a população. O major Joaquim (oberstleutnant) Joaquim da Costa Correa e outros altos oficiais, dão, em outro local desta fôlha, em nome dos diversos corpos que comandam, conhecimento da sua profunda gratidão.

Logo após a sua chegada, o general de brigada Francisco Rodrigues Lima, em companhia de telegrafistas que trouxera, dirigiu-se à Agência Telegráfica, onde o empregado lhe comunicou que o "general" Paulino das Chagas, havia carregado com o aparelho. O general recebeu em seguida a correspondência. As tropas que entretanto iam chegando iam acampando nos terrenos baldios e praças da vila e suas vizinhanças.

Qual é a finalidade dos revoltosos, ainda está por se saber. Eles não só se compunham de uma grande mistura de nacionalidade e raças, como a sua idéia a respeito de "Liberdade", que eles queriam trazer à sua pátria eles se diziam "exército libertador" - transparecia das inscrições que eles traziam nas fitas dos chapéus, como "Liberdade ou Morte" "Tudo pela Liberdade", mas havia também outros como "É tempo de reconquistarmos nossa liberdade, Viva Custódio José de Melo", etc. Uma outra característica do "exército libertador" era o seu grande número de oficiais. Para cada quatro homens, dos quais dois eram tenentes, vinha um comandante. Nem se fale dos muitos maiores, tenente coronéis, coronéis e generais.

O armamento dos revolucionários era péssimo. Quase que não tinham munição e, por isso não é de admirar que ele não queria combater com os legalistas. Mas em Itajaí, com o seu contacto com a esquadra revoltosa, receberam boas armas e muita munição, pondo-os, nesse particular, em igualdade com as tropas legais, além disso acreditavam que lhes viriam fortes socorros do Sul, se sorte que, por isso, acamparam em Itajaí. Mas, o general Lima caiu-lhes encima. Apesar dos "libertadores" estarem entrincheirados e terem destruído as pontes, para evitar o avanço dos legalistas, foram, depois de pequeno combate, derrotados e seriam completamente aniquilados se não tivessem embarcado na esquadra que levantou ferros. Os legalistas perderam no combate 5 mortos e 21 feridos. Qual foi a perda dos revoltosos, não se soube ao certo, mas parece que também não foram grandes, pois, em matéria de pontaria também as forças do govêrno não eram lá grande coisa.

Nêsse meio tempo, o general Lima determinara a mobilização da Guarda Nacional de Blumenau e o respectivo comandante, coronel de milícias Dr. Cunha procedeu à mobilização de acôrdo com dois editais seguintes:

Comando Superior da Guarda Nacional da Comarca de Blumenau, 12 de dezembro de 1895.

Ordem do dia n.º 1

A fim de que chegue ao conhecimento das companhias sob meu comando, torno público que por ordem do govêrno dos Estados Unidos do Brasil que, dentro de 48 horas, contadas de 12 dêste mês os oficiais em serviço ativo da Guarda Nacional desta Vila deverão comparecer a êste comando

entre às 10 e 15 horas e dentro de 96 horas os outros oficiais da Comarca, e onde os comandantes dos respectivos corpos deverão apresentar uma lista dos oficiais que não comparecerem e relação dos motivos. José Bonifácio Cunha, Comandante em chefe.

Comando Superior da Guarda Nacional da Comarca de Blumenau,  
12 de dezembro de 1893.

#### Ordem do dia n.º. 2

A fim de que chegue ao conhecimento das Companhias sob meu comando, faço público, por ordem do govêrno federal dos Estados Unidos do Brasil, que dentro de 48 horas, a contar do dia 12 de dezembro, todos os cidadãos moradores desta Vila, entre 20 e 30 anos de idade, deverão apresentar-se perante êste comando, das 10 às 15 horas e de 96 horas os demais cidadãos moradores no interior da Comarca, a fim de que seja feita a organização desta Milícia. Dr. José Bonifácio da Cunha, comandante em chefe.

Aliás o serviço da Guarda Nacional não foi muito rigoroso, por isso, com exceção da guarda o Quartel general e de alguns passos no Testo-Luz e em Adda-Garibaldi, que tiveram de ser ocupados, a maior parte dos guardas puderam ficar em casa. Além disso, fôra, logo de comêço assentado que as despesas de mobilização da Guarda não deveriam custar mais de 42 contos de réis. As contas importaram em 55 contos, mas o govêrno glosou 13 mil. Para ocorrer a êsse pagamento o dinheiro só apareceu em 28 de março de 1897, isto é, sòmente três e meio anos depois.

O plano do general Lima e do Senador Pinheiro Machado, que seguia o primeiro, era chegar até ao Destêrto, tomar a capital e os blumenauenses ficariam com o encargo de evitar que as tropas que se encontravam no Norte, retrocedessem para o sul. Os blumenauenses desempenharam bem a sua missão. Num combate dado em Jaraguá, obrigaram os revolucionários a retrocederam e num encontro, entre patrulhas, em Luz, cortaram-lhes o caminho.

Mas as coisas não obedeceram aos planos traçados. Esqueceram-se de que os revoltosos dominavam o mar. Não fôra possível aniquilar o inimigo, pois, sempre que pressionado, embarcavam-se nos navios que estavam à sua disposição e faziam-se ao mar alto, ou seguiam para o próximo pôrto. E logo que os legalistas deixavam o lugar, para marchar adiante êles voltavam e tomavam novamente posse dos mesmos lugares. Acresce que as munições das tropas governistas também começavam a escassear, tanto as de bôca como as de guerra. Por isso, abandonou-se o plano de ir ao Destêrto e as tropas regressariam a Blumenau, de onde, segundo se informava, desejavam seguir para o Paraná.

Afinal êsse plano também foi abandonado e, enquanto em Blumenau estava-se sem saber nada dos planos do general Lima, soube-se de repente que êle empreendera marcha de regresso para o planalto e quando o último Regimento (era um regimento de cavalaria, mas sem cavalos) tinha abandonado o perímetro urbano, já se ouvia os tiros dos canhões com que tinham sido armados os pequenos vapores de Blumenau, com os quais os federalistas subiam o rio.

Estabeleceu-se, então, enorme pânico. As famílias reuniam às pressas o mais necessário, e então, em carroças, a cavalo e a maioria a pé mesmo puzeram-se em fuga para o interior da colônia em cujos distritos encontraram



refúgio nas casas dos colonos. Os mais corajosos voltavam à noite para buscar objetos mais necessários, que haviam deixado, gado, etc. Os federalistas, porém, não vinham tão depressa como desejavam, pois não tinham certeza se o general Lima já teria abandonado a cidade. Eles faziam, por isso, minuciosos reconhecimentos antes de entrarem em Blumenau e deram-se por satisfeitos em terem ali encontrado os alemães simpáticos à causa do Tenente Machado. O comandante das tropas era o general Laurentino Pinto Filho o qual imediatamente depois de sua entrada em Blumenau mandou espalhar boletins convidando todos os que abandonaram a cidade a voltar às suas residências, pois, de outra forma êle não podia se responsabilizar que os soldados não se entregassem ao saque.

Em vista disso, regressaram, realmente, a maioria das famílias passou pelos piores bocados.

Naturalmente tudo não se passou sem represálias. Os legalistas mais em evidência foram recolhidos aos quartéis e as casas dos chefes, por êstes abandonados, foram completamente depredadas nos seus móveis e utensílios etc. O pior aconteceu ao editor do «Blumenauerzeitng», que teve não só a sua tipografia empastelada em parte e, em parte tomada como prêsas e remetida para Destêrro, tendo sido a casa em que estava instalada completamente depredada. As coleções eecadernadas do "Blumenauerzeitung" foram queimadas, a casa e os móveis completamente emporcaldadas. As galinhas que se encontravam no quintal iam sendo fuziladas pelos soldados, por brincadeira e as colmeias incendiadas. A vontade era mandar tôda casa pelos ares, mas tiveram pena dos assustados vizinhos que, com isso, certamente, viriam a sofrer também grandes prejuizos. Graças às somas que o partido legalista, por intermedio do dr Hercílio Luz, conseguiu arranjar, o jornal, depois de um meio ano de interrupção, conseguiu reaparecer.

A Guarda Nacional é que ficou numa situação bem complicada, depois da retirada das forças governistas. Ela ficou nas trincheiras de Testo-Luz Anita-Garibaldi e, de repente se encontrava com o inimigo pelas costas e pela frente. Mas, como se disse, os federalistas agiam só com muita cautela por isso a Guarda Nacional teve tempo de se dispersar. Os guardas regressaram às suas casas, sem que fossem mais molestados.

Alguns dos blumenauenses que não quizeram ficar em casa em situação tão perigosa, acompanharam as tropas do govêrno e fizeram a campanha no Rio Grande até que voltasse a ordem a reinar em Santa Catarina. Foram êles o dr. Cunha, Dr. Paula Ramos, Francisco da Cunha Silveira, Fides Deebe, Santos Lostada, e Caetano Deeke.

Note-se ainda que as forças governistas, reteirantes, apesar do seu em geral bom comportamento, não deixou de praticar vinganças contra os simpatizantes do federalismo, arrebanhando-lhes cavalos das suas estrebarras e dos pastos, que levavam consigo, sem mais aquela, o que foi, em geral, condenado pelos legalistas.

Um quadro bem horrível proporcionou a estada dos federalistas em Blumenau quando foi submetido a conselho de guerra o chefe dos legalistas Carlos Renaux, de Brusque, aqui preso, o homem nada mais havia feito do que ser legalista e estar, com os seus correligionários, em oposição aos federalistas e, no entanto, foi condenado à morte e a execução teria

tido lugar se não fôsse a interferência de Elesbão Pinto da Luz, que lutou, contra todos os meios, contra a sentença, chegando mesmo a afirmar que, caso a sentença fôsse executada, êle também não viveria mais. Conseguiu, a afinal, que Renaux fôsse livre. Nada, porém lhe adiantou a simpatia que o seu gesto despertou, pois, poucos meses depois, êle próprio, Elesbão, teve que pagar com a vida a sua dedicação à política.

Os federalistas ficaram pouco tempo em Blumenau, pois foram chamados para seguirem para o Paraná. Deixaram em Blumenau um "governador militar", um alemão rio-grandense, o Tenente Coronel Essig. Êste porém, não era homem perigoso. Êle ocupou-se, principalmente, em recolher o armamento policial e militar que aqui havia ficado. Mas nisso também não teve muita sorte, pois, quando, afinal êle conseguiu embarcar um caixão para Itajaí, o mesmo ao ser lá aberto, não continha mais que um montão de pedras.

Por muito tempo pareceu que a fortuna estava bafejando os federalistas. Êles haviam tomado Curitiba e finalmente também se apossaram da Lapa, onde as tropas do govêrno, nos quais lutavam também Lauro Mueller e Felipe Schmitt, ambos como coronéis dos pioneiros, se haviam entrincheirado. No Rio Grande, tinham os federalistas prendido o marechal Isidoro com tôda a sua tropa e a esquadra que Floriano adquirira na América do Norte, e que há muito deveria ter chegado a Cabo Frio, não se ouviu mais falar dela. Com isso a esquadra revoltosa se cercara de uma auréola de glória. Ela parecia absolutamente invencível.

O cruzador Aquidaban, forçou, na noite de 30 de novembro, com o pequen<sup>o</sup> vapor Esperança, a barra do Rio de Janeiro, apesar da mesma estar defendida com canhões e torpedos, e trouxe o almirante Custódio de Mello para Santa Catarina, regressando novamente ao Rio sem sofrer qualquer dano.

Se a Revolução estivesse unida, ou melhor, houvesse união entre os revoltosos e que sabe como as coisas se teriam passado. Mas as opiniões eram muito discordantes. As opiniões e as aspirações. Custódio de Melo desejava, apenas, derrubar Floriano. Saldanha da Gama queria reimplantar a monarquia. Os Riograndenses, em sua maior parte visavam, apenas, os interesses políticos do seu Estado e, como adeptos do ex-conselheiro de Estado, Silveira Martins, batiam-se pela república parlamentarista e a maior parte das classes baixas era composta de sebastianistas, que, de maneira fanática, aguardavam a volta do rei Dom Sebastião. Essa gente batia-se em conjunto, apenas enquanto a necessidade; mas mal se desenhava um Vitória vinham as desinteligências e acaba-se a unidade de pontos de vista.

Entretanto, um triunfo verdadeiro a revolução nunca alcançou e a 13 de março de 1894 chegou a hora do presidente marechal Floriano obter uma vitória decisiva contra os navios revoltosos que se encontravam na baía do Rio de Janeiro. A cidade já há dias que estava preparada, os moradores, em sua maior parte haviam se retirado para os subúrbios, tôdas as elevações haviam sido fortificadas com canhões e a nova esquadra, que Floriano adquirira na América, estava fora da barra, sob o comando do almirante Gonçalves.

Vendo-se perdido o almirante Saldanha da Gama que assumira o comando da esquadra surta na guanabara, na ausência de Custódio de Mello

e na madrugada de 13 de março, passou-se, com tôda a sua officialidade para um navio de guerra português, que o transportou até Uruguai. Dali êle se uniu aos federalistas, em cujas fileiras continuou se batendo até que morreu a 24 de junho de 1894.

Floriano não concordou com essa aventura do navio de guerra português e chegou a romper relações diplomáticas com a pequena mãe-pátria. Entretanto, não vieram piores consequências do que essa.

O Rio, portanto, estava livre e, um mês depois, pôde o almirante Gonçalves, com a esquadra legal, tomar a capital de Santa Catarina depois de ter sido torpedeado o cruzador aquidaban e o almirante Custódio de Melo ter fugido para o Uruguai.

A revolução continuou a ferver por mais de 16 meses no Rio Grande. Sômente a 23 de agosto de 1895, pelo acôrdo de Pelotas, entre o emissário do Presidente Prudente de Moraes, general Galvão e o chefe federalista "general" Joca Tavares foi feita a definitiva pacificação do Rio Grande.

O cavalheiresco chefe federalista, Gumercindo Saraiva, já havia sido morto a 10 de agosto de 1894.

Em Santa Catarina, desde a tomada de Destêrro, começou a reinar paz. Primeiramente, o marechal Floriano mandou o seu ajudante de ordens, o Tenente Vilas Boas como interventor para orientar a reestruturação da administração legalista. Êste, porém, ao que parece, queria proceder com os federalistas com muita condescendência. Isso, porém, não agradava aos que haviam combatido os revoltosos e, por isso, viu-se, o tenente Vilas Boas, de repente chamado ao seu pôsto e foi nomeado em sua substituição o coronel Moreira Cesar, conhecido pelo seu carater violento, e tenido pelas suas arbitrariedades.

Êste exerceu sôbre os federalistas, cujos nomes conseguiu obter, uma justiça medonha. Mandou-os para a fortaleza de Santa Cruz e lá eram fuzilados sem qualquer processo. Entre êsses infelizes, encontrava-se o deputado blumenauense Elesbão Pinto da Luz.

Naturalmente, em Blumenau, a situação foi também restabelecida e alguns partidários dos federalistas do Tenente Machado foram presos por algum tempo, mas não foram mandados para Destêrro, como de lá se estava pedindo. Se tal acontecesse, êles nunca mais teriam voltado.

Indaial vo'tou a Blumenau assim como o distrito de Gaspar e pelo decreto governamental de 28 de julho de 1894 a vila de Blumenau foi elevada à categoria de cidade. A 12 de maio do mesmo ano regressaram o Dr. Cunha e os outros blumenauenses que tinham seguido com o general Lima e com Pinheiro Machado para a Rio Grande, e reassumiram o exercício dos respectivos cargos. A Câmara Municipal já era legalista, depois da Constituição do Tenente Machado, mas teve que ser votada novamente. Essa câmara ficou assim composta: Superintendente: Otto Stutzer, Presidente da Câmara: Pedro Cristiano Feddersen, Conselheiros: Pedro Schmidt, Frederico Wilde, Luiz Abry, Henrique Klug, Paulo Zimermann, Andrea Campregher, Aleixo Freirer e Ricardo Voigt.

# REMINISCÊNCIAS

*H. P. Zimmermann*

“Governar é construir estradas”, disse certa vez o ex-Presidente da República, que foi o Snr. Washington Luiz. Lamentavelmente, no Brasil, chegou-se muito tarde a reconhecer esta verdade, ao contrário do que aconteceu nos Estados Unidos da América, onde levavam estradas, especialmente estradas de ferro aos territórios despovoados, para que através destes meios de comunicação se processasse o povoamento dos mesmos. Felizmente hoje já muitos Estados brasileiros contam com boas redes de estradas de rodagem que ligam os núcleos populosos do interior aos grandes centros. Assim, hoje não só se viaja com facilidade, mas também o transporte de produção agro-pecuária e industrial, conta com meios de condução mais rápidos e mais faceis, do que foram os do começo do século. No tempo de minha juventude em Gaspar, as estradas que ligavam minha cidade natal a Blumenau e a Itajaí, eram mais do que precárias. As cargas de tôda espécie, quando se destinavam a uma dessas cidades, eram transportadas pelos navios fluviais. Viajar para Blumenau com tempo bom, era relativamente facil, mas quando chovia, alguns atoleiros que nela se formavam, davam muita dor de cabeça aos condutores dos veículos e muito judiavam dos animais que os tracionavam. Havia certos trechos nas baixadas, raramente ensolarados porque as matas à beira da estrada impediam que o sol os atingisse e que por isso, transformavam-se em terríveis lamaçais. Se a estrada para Blumenau, que era a mais frequentada, por muito tempo otoreceu êste aspecto desolador, a que conduzia a Itajaí nem sequer merecia o nome de estrada, depois de uma estiagem mais ou menos prolongada, de Poço Grande até Itajaí ela podia ser trafegada por veículos de tração animal, porém, com certa dificuldade porque em alguns trechos ela era mais do que má. Havia nela certos trechos, como foi o além do morro dos Schmitt, no Poço Grande, até as proximidades da Ilhota, onde a mata formava um tunel que nunca permitia que o sol a atingisse e secasse. Nessas condições é de se compreender, que era evitada pelos carroceiros e mesmo os cavaleiros pouco a usavam.

As estradas no interior do atual município de Gaspar, também não eram melhores. Se os proprietários de terras por onde elas passavam não procurassem melhorá-las, cuidando de

aterrar os atoleiros e abrir valetas para o escoamento das águas, não podiam transportar os seus produtos até a sede do distrito. Naquela época, a maioria dos lavradores que residiam em território de Gaspar, serviam-se de carros de boi para trazer os seus produtos à cidade. Alguns poucos, como p. ex. os "italianos" do Gasparinho, usavam os burricos como cargueiros. Aos sábados costumavam vir à cidade para fazer compras e trocar milho por fubá nos moinhos. Vinham sentados de pernas cruzadas numa espécie de almofada colocada sobre a cangalha, da qual, de ambos os lados pendiam pequenos sacos com milho ou outros produtos. Os burricos já eram tão acostumados a fazer o trajeto da morada de seus donos até Gaspar, e o de volta, que mesmo quando os seus donos cochilavam em cima deles, na volta para casa caminhavam sem que fossem guiados. E, isto acontecia muitas vezes, porque, naqueles tempos, os "italianos" gostavam de tomar o seu vinho ou a "branquinha", o que no verão com o seu sol escaldante, não contribuia muito para que os ginetes ficassem despertos.

Foi mais ou menos em 1906, que em Gaspar começaram a usar em maior número as carroças de tração animal. Daí em diante, também começaram a aparecer os carros de mola e quem os possuísse, era considerado homem de boas posses. A introdução destes meios de transporte e condução, exigia melhores estradas. Foi então, que os moradores de Gaspar exigiram da Prefeitura de Blumenau, município do qual Gaspar então era distrito, que não só fosse melhorada a estrada que ligava Gaspar à sede do município, mas também, que a administração municipal cuidasse melhor da conserva das estradas que ligavam Gaspar aos seus diferentes bairros. A administração municipal de Blumenau em face destas reclamações, mandou arrumar melhor a estrada até Gaspar e "legalizou" as outras por meio de um decreto, que obrigava a cada proprietário de terras marginais às estradas, de cuidar de seu trecho, conserva-lo desmatado, abrindo valetas de escoamento para as águas e aterrando os atoleiros nela existentes. Foi esta a solução achada, que por muito tempo vigorou e em virtude da qual as estradas interioranas do distrito tornaram-se um pouco melhores do que eram antes.

Gaspar, porém, não ficou à margem da evolução do progresso. Também para minha terrinha chegou o tempo de dispor ela de boas estradas. É que, o avanço industrial e a da técnica obrigavam os municípios a cuidarem de suas estradas, porque

os meios de transporte já não eram mais apenas os carros de boi ou as carroças de tração animal. Foi abolida a obrigação de cada proprietário de terras cuidar de seu trecho de estrada, passando o município a cobrar uma taxa de melhoramentos públicos, que lhe forneceria o meios para melhorar as estradas. Daí em diante, elas foram ficando sempre melhores e hoje, em lugar das velhas e estreitas estradas enlameadas, encontram-se em tôda parte estradas macadamizadas, ensaiabradas e as ligações intermunicipais já contam com estradas asfaltadas.

Foi no ano da graça de 1907, que certo dia fui encarregado por meu pai, de levar um recado a um cidadão que residia nas imediações do morro do Demmer, na velha estrada p/ Blumenau. Quando vinha voltando despreocupadamente, comecei a ouvir ruídos estranhos atrás de mim, um tanto assustado olhei para traz, mas uma volta da estrada impedia-me localizar o causador desses ruídos. O que no começo parecia ser um fraco ronco, começou a intensificar-se com estúpidos semelhantes a explosões, com estálidos e o ruído do entrechoque de ferros e outros ruídos indefiníveis para mim, pois assustado com o que ouvia, de maneira alguma podia achar uma explicação para todo êsse barulho. Parado ao lado da estrada, olhava atento para a curva da estrada, onde não demorou aparecer um estranho veículo, que rodava sem tração animal e em cuja boleia sentava um homem que trazia um grosso charuto na boca e segurava uma roda á qual dava pequenas voltas. Boquiaberto, deixei a estranha viatura chegar mais perto de mim e então percebi, que ela tinha semelhança com um carro de mola sem toldo, que tinha rodas cobertas de borracha e que rodava pela estrada aos solavancos. Vi, que no assento trazeiro estavam refestelados mais dois outros homens. O estranho veículo passou por mim com grande barulho, levantando poeira, soltando fumaça e correndo um tanto mais rápido do que nosso carro de mola, mesmo quando êle era puchado pelos nossos melhores cavalos. Com facilidade continuei a acompanhar a trajetório do estranho veículo, porque a estrada daquele ponto até as proximidades da ponte sôbre o ribeirão Gaspar Grande, era uma longa reta. Vi, que o barulhento veículo foi até o fim da reta, onde executou uma série de manobras e depois retornou em direção a Blumenau. Quando passou por mim a segunda vez, eu já estava mais calmo e podia observá-lo melhor nos seus detalhes. Foi êste o meu primeiro encontro com um automóvel. Foi, também, o primeiro que veio até Gaspar. Seu proprietário foi o Snr. F. G. Busch, homem empre-

endedor, que trouxe, posteriormente, mais outros automóveis para Blumenau e que nesta cidade fez circular o primeiro ônibus. Soubemos mais tarde, que o seu propósito naquela viagem, foi o de ir até o centro da cidade de Gaspar, mas resolveu voltar depressa, porque nos morros do Gasparinho estava-se anunciando uma trovoadas. Se chovesse, até que a estrada secasse, o Snr. Busch não reconduziria o seu automóvel a Blumenau.

Muitos adultos e outros meninos também viram o primeiro automovel que veio a Gaspar e no dia seguinte, na escola, todos contavam a aventura a seu modo, primando cada um em fantasiá-la o melhor possível, até nosso professor tanto entusiasmou-se com o acontecimento e fez os seus alunos escrever uma composição sobre o mesmo. Foi aí, que muitos dos meninos arrependeram-se de ter falado com tantos detalhes sobre o seu primeiro encontro com um automóvel . . .

Quem hoje observa o movimento de veículos motorizados de toda espécie, que trafegam na estrada de Blumenau a Itajaí passando por Gaspar, vindos de longe, do Rio, de São Paulo, de Curitiba, da região serrana, quem vê, que a maioria dos lavradores de Gaspar possuem jeeps, caminhões, caminhonetes ou automóveis, certamente não compreende o espanto que o aparecimento do primeiro automóvel nos causou. Já tínhamos ouvido falar, que existiam na Europa veículos motorizados, mas quando nos defrontamos com o primeiro que apareceu em nossa pacata região, o impacto emocional que nos causou foi realmente grande. Qual o menino, ou o adulto, que não se emociona quando vê pela primeira vez em funcionamento um invento técnico, que até então lhe parecia ser uma lenda? Daí, também, não nos deve causar espanto sabermos, que alguns dos velhos moradores de Gaspar, quando viram o primeiro automóvel, o consideraram "um invento do tinhoso", que não poderia trazer sorte a quem o usasse, se até médicos havia, homens de quem se supõe que possuam muita instrução e bastante cultura, afirmavam "que andar de automóvel traria sérias consequências para a saúde, uma vez que o impacto da corrente de ar produzido pela velocidade do veículo nos passageiros, prejudicaria seriamente os seus órgãos respiratórios..." Os tempos mudam e com eles mudam as opiniões. Os automóveis hoje prejudicam a saúde de muitos e matam outros muitos, mas não pela afetação dos órgãos respiratórios dos seus ocupantes, porém, pela vertigem da velocidade, pela irresponsabilidade e pelo descuido de muitos de seus motoristas.

## ÍNDICE DO VOLUME IX

	Pag.
Mais uma etapa . . . . .	1
Uma opinião de Fritz Müller sôbre os sambaquis .	2
Blumenau coopera com a ciência - J. Ferreira da Silva	3
Santa Cecília . . . . .	5
População de Santa Catarina em 1810 . . . . .	5
Arqueologia do Vale do Itajaí - W. Piazza e A. Eble	6
Almirante Lucas A. Boiteux . . . . .	15
O nosso Correio . . . . .	16
Capela da Estrada Pomeranos . . . . .	16
Figuras do Passado - Paulo Garbe . . . . .	17
Luiz Silveira da Veiga . . . . .	119
Os menonitas do Rio Krauel - Walter Piazza . . . . .	18
Um bom Pastor - Curt Klein . . . . .	20
A casa São José . . . . .	21
Domingo de colono . . . . .	27
Reminiscências - H. P. Zimmermann 30/48/91/110/126/153/168	188/234
" " " "	
Dúvida inexistente . . . . .	32
O problema do índio . . . . .	33
Colônia Blumenau - Dados de 1861 . . . . .	37
Primeira visita de governador a Ibirama . . . . .	40
Recenseamento de 1940 no Alto Vale do Itajaí - A. Cardoso	41
Um epitáfio original . . . . .	47
A estação telefônica de Ibirama . . . . .	47
A igreja católica de Ibirama . . . . .	50
Colônia Blumenau - dados 1862 . . . . .	51
Nosocômios do Vale . . . . .	55
A Colonização nas matas virgens . . . . .	56
Estimável cooperação - J. Ferreira da Silva . . . . .	58
Passagem de Rio do Sul . . . . .	60
Amor Filial - J. Ferreira da Silva . . . . .	61
Uma interessante descoberta de Fritz Muller . . . . .	64
Sôbre padres católicos alemães . . . . .	67
Valiosa cooperação . . . . .	68



Relatórios do Dr. Blumenau - 1862 . . . . .	70, 94
Blumenau antigo - Vapor "Blumenau" . . . . .	75
Visita oportuna e proveitosa - Nestor Heusi . . . . .	76
Sindicato Agrícola de Blumenau . . . . .	78
Frei Pedro Sinzig . . . . .	78
Sôbre o primeiro Vigário de Gaspar . . . . .	79
Est. de Ferro Santa Catarina . . . . .	80
"Blumenauer Zeitung" . . . . .	80
Um mestre de pescaria - Celso Liberato . . . . .	81
Símbolo de Saudade e Progresso - G. de Mattos . . . . .	83
Katanghara - V. Lucas . . . . .	85
Caldeirão da baleia - Pde. Raulino Reitz . . . . .	88
Pioneirismo . . . . .	99
Galeras "Argus" e "Carolina" . . . . .	100
A glória de Fritz Müller - J. Ferreira da Silva . . . . .	101
Igrejas e Hospital . . . . .	103
O nosso primeiro professor . . . . .	105
Navegação pelo rio . . . . .	106
Praça Coronel Pedro Feddersen . . . . .	107
Jornais de Casamento - J. Ferreira da Silva . . . . .	108
"Correio de Blumenau" . . . . .	109
Uma nova atração turística . . . . .	113
Correspondência do Dr. Blumenau . . . . .	114, 129
O Barão Schneeberg . . . . .	118
Blumenau de hoje . . . . .	120
Até a volta, Frei Braz - Celso Liberato . . . . .	121
Os primeiros tempos - J. Ferreira da Silva . . . . .	122
Um antigo calendário e o que êle nos sugere - C. Fouquet . . . . .	124
Contratos de imigrantes . . . . .	125
A primeira tipografia no Brasil . . . . .	128
Coisas de nossa terra - Charles Müller . . . . .	133, 160
Edite Gaertner . . . . .	134
Emolumentos de escrivães de paz . . . . .	139
Estante dos "Cadernos" . . . . .	140, 171
A viagem do presidente da Província ao Rio Itajaí - J. Caminhoá . . . . .	141
Estação Agronômica de Rio dos Cedros . . . . .	144

As minas de chumbo do Ribeirão da Prata . . . . .	145
Indaial e a Revolução de 1893 . . . . .	150
Natureza esplendente . . . . .	152
Juventude de hoje e de ontem . . . . .	157
Os jornais e revistas de Tijucas . . . . .	158
Ribeirão Sarmento . . . . .	159
Nome Florianópolis . . . . .	160
Uma interessante biografia - Carlos Schneider . . . . .	161
A Gingko Biloba - Renata R. Dietrich . . . . .	165
Assassinato do comandante do "Blumenau" - F. G. Busch . . . . .	172
Um francês com os primeiros moradores do Itajaí . . . . .	174
Aeglea Odebrechtii . . . . .	176
Mithrantes Gemballas . . . . .	176
Aviação sem motor . . . . .	177
Blumenau na primeira exposição - J. Ferreira da Silva . . . . .	181
Logradouros blumenauenses na Obra de Fritz Muller . . . . .	183
Badenfurth . . . . .	185
Aviação sem motor . . . . .	185
Um francês com os primeiros moradores do Itajaí . . . . .	191
Índigenas do Vale do Itajaí - E. Fouquet . . . . .	192
O rio e a pesca - Celso Liberato . . . . .	196
Amor aos animais . . . . .	197
"Via crucis de imigrantes" . . . . .	198
Blumenau e a Revolução de 1893 - José Deeke . . . . .	201



*A todos os nosso assinantes, leitores, anunciantes, amigos e cooperadores desejamos muito Boas Festas e um feliz e próspero Ano Novo. Que 1969 traga a todos muitas alegrias, muita paz e prosperidades.*

**"A NOSSA TRADIÇÃO VALE  
POR UM BOM NEGÓCIO"**

SERVIMOS HA 35 ANOS  
CALÇANDO BLUMENAU

**CALÇADOS?**

Pense  
no  
LORGUS

**Rua 15 de Novembro, 383**

**E. KIECKBUSCH**

SECOS E MOLHADOS  
E FERRAGENS

—xxx—

Rua 15 de Novembro, 351

Caixa Postal, 85

**BLUMENAU - Santa Catarina**

**Carimbos de Borracha REAL Ltda.**

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Datadores

Numeradores

Carimbos em geral

**TINTAS E ALMOFADAS**

Rua 15 de Novembro, 1306

**BLUMENAU - SANTA CATARINA**

FÁBRICA DE GAZES  
MEDICINAIS  
CREMER S.A.

Blumenau - Rua Iguassú, 291/362 - Santa Catarina

Caixa Postal, 80 z Fone, 1332

---

Gazes e Ataduras Mediciniais

Ataduras Gessadas

Algodão Hidrófilo

Fraldas para Bebês

Faixas Higiénica para Senhoras

Artigos de primeira Qualidade